

CIÊNCIA - FILOSOFIA - ARTE - RELIGIÃO - ESOTERISMO - MEDICINA OCULTA - ASTROLOGIA - ANTROPOLOGIA

REVISTA

Maitreya



INSTITUTO GNÓSTICO de ANTROPOLOGIA - IGA BRASIL

www.igabrasil.org.br

65º ANO DA ERA DE AQUÁRIO • ANO XIX • Nº 73 • out/nov/dez 2026

SAMAEI AUN WEOR

O Trabalho sobre os nossos Defeitos Psicológicos e a Morte do "Eu"
Respostas de Samael às Perguntas de nossos "Eus"

ARTE

Alegorias Alquímicás

MÍSTICA

Vaidade das Vaidades

CIÊNCIA

Sombras na Parede

FILOSOFIA

Uma Visão
de Pistis Sophia
e o Ego

EVANGELHO

APÓCRIFO DE
SÃO TOMÉ
Aforismo V

REFLEXÃO POÉTICA-FILOSÓFICA: A Morte que mata a Morte



Revista Maitreya

Edição Out/Nov/Dez-2026

Edição do Instituto Gnóstico de Antropologia
(IGA Brasil) para a divulgação dos
Ensinamentos Gnósticos

Ano XVIII - Nº 073

Trimestral - 1.200 exemplares

65º Ano da Era de Aquário

Presidentes de Honra: V.M. Samael Aun Weor, V.M. Litelantes e Sr. Osiris Gómez Garro (fundadores e Diretores das Instituições Gnósticas);

Diretora Mundial: Sr^a Inmaculada Ugartemendía de Gómez; **Presidente Nacional:** Roberto Antunes de Lira; **Editor:** Ricardo Nairo de Souza; **Direção de Arte:** Alberto Paula de Souza e Ricardo Nairo de Souza.

Redação: Ana Reis; Antonio Luiz; Tereza Félix; Ricardo Amâncio; Jussara Teodoro; Selene de Jesus; Rubens Ribeiro; Leandro Bellio; Sandro Barbosa. **Colaboradores:** Flávio Félix; Alice Canella; Márcia Tomaz; Missionários do IGA Brasil. **Capa:** A Luta contra o 7 Demônios (por Alberto Paula de Souza).

SUMÁRIO

	Pág.
Editorial: Reflexão - faz parte do nosso Caminho (junto com a Dor)	02
SAW: O Trabalho Interior	03
CIÊNCIA: Sombras na Parede	09
ASTROLOGIA ESOTÉRICA: A Cabra-montês e a Montanha Interior	13
PRATICAÍ! O Mantra GATE	15
FILOSOFIA: Um visão da Pistis Sophia e o Ego-Obstinado	16
ARTE: Alegorias Alquímicas	19
AFORISMOS: Evangelho Apócrifo de São Tomé - IV	22
MÍSTICA: Vaidade das Vaidades	24
SAMAEL RESPONDE	26
GLOSSÁRIO GNÓSTICO	28
POEMA FILOSÓFICO: A Morte que mata a Morte	29
SALA DE AULA GNÓSTICA: A Dissolução do “Ego” e a Morte do “Eu”	32
VISÃO GNÓSTICA	34
SAW II - Perguntas dos nossos “Eus”	36

EDITORIAL

Queridos Leitores,

Estamos chegando a mais um final de viagem em torno da nossa Estrela maior. E, assim, não podemos deixar de refletir sobre como caminhamos ao longo dessa viagem: o que fizemos e o que não deveríamos ter feito; o que não fizemos e deveríamos ter realizado. Com certeza, temos muito material para analisar.

Com os textos do Mestre Samael, direcionados para o Trabalho Interior e a Morte do “Ego”, enfatizamos a necessidade urgente de intensificarmos a atuação neste importantíssimo fator da Revolução da Consciência. Como descrito na coluna ARTE: “Se a semente não morre, a planta não floresce”.

A Revista Maitreya também nos traz muito material para estudo e reflexão. Quem nunca pensou na sua morte física? Mas seria pior se não tivéssemos pensado em nossa Morte Psicológica, pois ela mata a morte, como descrito na coluna poético-filosófica.

Logicamente, também temos que trabalhar com a eliminação de nossas Representações Mentais e cuidar para não criarmos outras novas, conforme o texto da coluna de CIÊNCIA. E até mesmo cuidar deste inimigo oculto, a Vaidade das Vaidades (coluna MÍSTICA).

Enfim, material básico para o trabalho sobre nós mesmos não nos falta, pois Samael nos deixou tudo.

Vamos à leitura e sigamos para mais uma viagem cósmica.

Que a Paz esteja com vosso Espírito!

O Trabalho sobre os nossos Defeitos Psicológicos e a Morte do “Eu”

Por Samael Aun Weor

O “EU” PSICOLÓGICO

Os pseudo-ocultistas e pseudoesoteristas dividem o “Ego” ou “Eu” em dois: “Eu superior” e “Eu inferior”.

Superior e inferior é a divisão de um mesmo organismo.

“Eu superior”, “Eu inferior” é tudo “Ego”... tudo “Eu”.

O Íntimo, o Real, não é o “Eu”, transcende ao “Eu”... está mais além de todo “Eu”.

O Íntimo é o Ser; o Ser é o real, o atemporal, o divinal.

O “Eu” teve um princípio e inevitavelmente terá um fim; tudo o que tem um princípio terá um fim.

O Ser, o Íntimo, não teve princípio... e não terá fim. Ele é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

O “Eu” continua depois da morte e retorna a este vale de lágrimas para repetir acontecimentos, satisfazer paixões e pagar carma.

O Ser não continua porque não teve um princípio. Só continua aquilo que pertence ao tempo, aquilo que teve um princípio. O Ser não pertence ao tempo.

O que continua está submetido à decrepitude, à degeneração, à dor, à paixão. Nossa vida atual é o efeito de nossa vida passada, continuação de nossa vida passada, efeito de uma causa anterior.



Toda causa tem seu efeito; todo efeito tem sua causa; toda causa se transforma em efeito; todo efeito se converte em causa.

Nossa vida presente é a causa de nossa vida futura; nossa vida futura terá como causa nossa vida atual com todos os seus erros e misérias.

Continuar é postergar o erro e a dor. Nós devemos morrer de instante em instante para não continuarmos. É melhor Ser do que continuar...

O “Eu” é a origem do erro e de sua consequência, a dor. Enquanto existir o “Eu” existirá a dor e o erro.

Nascer é doloroso; morrer é doloroso; viver é doloroso. Dor na infância, na adolescência, na juventude, na maturidade e na velhice. Tudo neste mundo é dor.

Quando deixamos de existir em todos os níveis da mente, a dor desaparece. Só deixaremos de existir radicalmente dissolvendo o “Eu” psicológico.

A origem do “Eu” é o órgão *kundartiguador*. O “Eu” está constituído por todas as más consequências do órgão *kundartiguador*.

O “Eu” é um feixe de paixões, desejos, temores, ódios, egoísmo, inveja, orgulho, gula, preguiça, ira, apetências, apegos, sentimentalismos doentios, herança, família, raça, nação etc.

O “Eu” é múltiplo; o “Eu” não é individual; o “Eu” existe de forma pluralizada, continua pluralizado e também retorna pluralizado.

Assim como a água se compõe de muitas gotas e assim como a chama se compõem de muitas partículas ígneas, assim é o “Eu”, compõe-se de muitos “Eus”.

Milhares de pequenos “Eus” constituem o “Eu” ou “Ego” que, por sua vez, continua depois da morte e retorna a este Vale de Lágrimas para satisfazer desejos e pagar carma.

Em fitas sucessivas, os “Eus” passam em ordem sucessiva pela tela da vida para representarem seus papéis no drama doloroso da existência.

Cada “Eu” da trágica fita tem sua própria

mente, suas ideias e critério próprios. Do que um “Eu” gosta, um outro “Eu” desgosta.

O “Eu” que hoje jura fidelidade ante a Ara da Gnose é substituído mais tarde por outro “Eu” que odeia a Gnose; o “Eu” que hoje jura amor eterno a uma mulher é substituído mais tarde por outro “Eu” que nada tem a ver nem com a mulher nem com o juramento.

O animal-intelectual chamado falsamente de homem não tem individualidade porque não tem um Centro Permanente de Consciência; não tem continuidade de propósitos porque não tem um Centro de Gravidade Permanente, só tem o “Eu” pluralizado.

Não é estranho, portanto, que muitos se afilem ao Movimento Gnóstico e logo depois se convertam em seus inimigos. Hoje com a Gnose, amanhã contra a Gnose; hoje numa escola, amanhã em outra; hoje com uma mulher, amanhã com outra; hoje amigo, amanhã inimigo etc.

A DISSOLUÇÃO DO “EU”



Meus irmãos, é necessário que, neste Natal, compreendam profundamente a necessidade de dissolver o “Eu”.

O maior perigo que existe na vida é o de nos convertermos em *Hanasmussianos*.

Quem não trabalha na dissolução do “Eu”, em cada existência, vai se degenerando mais e mais até que, por fim, deixa de nascer porque se converte em um *Hanasmussiano* perigoso.

Existem quatro classes de *Hanasmussianos*:

- 1º) *Hanasmussiano* de tipo cretino, demasiado decrépito, estúpido e degenerado;
- 2º) *Hanasmussianos* fortes, astutos e perversos;
- 3º) *Hanasmussianos* com duplo centro de gravidade, mas que não possuem corpo astral e só utilizam corpo lunar.
- 4º) *Hanasmussianos* com duplo centro de gravidade e corpo astral.

Os *Hanasmussianos* do primeiro tipo são verdadeiros cretinos, idiotas e degenerados, totalmente perversos; porém, eles já não possuem nem sequer forças para serem perversos. Essa classe de *hanasmussianos* desintegra-se rapidamente depois da morte do corpo físico.

Os *Hanasmussianos* do segundo tipo continuam retornando a este mundo em órgãos do reino animal.

Os *Hanasmussianos* do terceiro tipo foram iniciados na Magia Branca e adquiriram muitos poderes psíquicos; contudo, como não dissolveram o “Eu”, extraviaram-se no caminho e caíram na magia negra. Essa classe de *Hanasmussianos* é como uma moeda de duas faces: o verso e o anverso; São duas personalidades internas: uma branca e outra negra. Cada uma dessas personalidades tem autoindependência e poderes psíquicos.

Os *Hanasmussianos* do quarto tipo são verdadeiros *Bodhisattvas* caídos que cometeram o erro de fortalecer o “Eu”. Esses *Hanasmussianos* possuem duplo centro de gravidade: um divino e outro diabólico. O mais grave de tudo é o fato de eles possuírem corpo astral. Um exemplo disto é Andramelek. Esse *Hanasmussiano* confunde os invocadores inexperientes. Os dois Andramelek são um: o branco e o negro. Ambos são verdadeiros Mestres: um da Loja Branca e outro da Loja Negra.

Muitos Iniciados que conseguiram criar os corpos existenciais superiores do Ser fracassaram porque não dissolveram o “Eu” psicológico.

Esses Iniciados não puderam celebrar o Natal do Coração, não conseguiram encarnar o Ser apesar de possuírem os corpos existenciais superiores, e se converteram em *Hanasmussianos* com duplo centro de gravidade.

É necessário compreender a necessidade de trabalhar com os Três Fatores da Revolução da Consciência, se é que realmente queremos a autorrealização profunda.

Se excluirmos qualquer fator da Revolução da Consciência, o resultado é o fracasso.

Nascer, Morrer e Sacrificar-nos pela humanidade, aqui estão os três fatores básicos da Revolução da Consciência.

Magia Sexual, dissolução do “Eu” e caridade, esses são o triplo sendeiro da vida reta.

Alguns irmãos gnósticos nos escreveram pedindo uma didática para a dissolução do “Eu”.

A melhor didática para a dissolução do “Eu” encontra-se na vida prática intensamente vivida.

A convivência é um espelho maravilhoso onde o “Eu” pode ser contemplado de corpo inteiro.

No relacionamento com nossos semelhantes, os defeitos escondidos no fundo do subconsciente afloram espontaneamente, saltam fora porque o subconsciente nos trai e, se estamos em estado de alerta-percepção, então o vemos tal qual são em si mesmos.

A melhor alegria para o gnóstico é celebrar o descobrimento de alguns defeitos.

Defeito descoberto, defeito morto. Quando descobrirmos algum defeito, devemos vê-lo em cena como alguém que está assistindo a um filme, porém sem julgá-lo nem condená-lo.

Não é suficiente compreender intelectualmente o defeito descoberto. Faz-se necessário submergir em profunda meditação interior para capturar o defeito em outros níveis da mente.

des e enquanto não tenhamos compreendido um defeito, em todos os níveis da mente, nada fizemos, e esse continua existindo como um demônio tentador, no fundo de nosso próprio subconsciente.

Quando um defeito é compreendido integralmente em todos os níveis da mente, então ele se desintegra com seu pequeno “Eu” que o caracteriza, reduzindo-o a poeira cósmica nos mundos suprassensíveis.

É assim como vamos morrendo de instante em instante; é assim como vamos estabelecendo dentro de nós um Centro de Consciência Permanente, um Centro de Gravidade Consciente.

Dentro de todo ser humano, que não se encontra no último estágio de degeneração, existe o *Budhata*, o princípio Budista interior, o material psíquico ou matéria-prima para fabricar isso que se chama Alma.

O “Eu” pluralizado gasta torpemente esse material psíquico em explosões atômicas absurdas de inveja, cobiça, ódio, ciúmes, fornicações, apegos, vaidade etc.

Conforme o “Eu” pluralizado vai morrendo de instante em instante, o material psíquico vai se acumulando dentro de nós mesmos, convertendo-nos em um Centro Permanente de Consciência.

Assim é como vamos nos individualizando pouco a pouco: *Desegoistizando-nos*, individualizando-nos.

Contudo, esclarecemos, a individualidade não é tudo; com o “acontecimento de Belém” devemos passar à *sobreindividualidade*.

O trabalho de dissolução do “Eu” é algo muito sério. Precisamos fazer o estudo profundo de nós mesmos em todos os níveis da mente. O “Eu” é um livro de muitos volumes.

Precisamos estudar nossos pensamentos, emoções e ações de instante em instante, sem justificá-los, nem condená-los; precisamos compreender integralmente,

em todas as profundidades da mente, todos e cada um dos nossos defeitos.

O “Eu” pluralizado é o subconsciente. Quando dissolvemos o “Eu”, o subconsciente se converte em consciente.

Necessitamos converter o subconsciente em consciente. Isso só é possível através da aniquilação do “Eu”.

Quando o consciente passar a ocupar o posto do subconsciente, adquirimos isso que se chama consciência contínua.

Quem usufrui de consciência contínua vive desperto a todo instante, não só no mundo físico como também nos mundos superiores.

A humanidade atual é, noventa e sete por cento, subconsciente. Por isso, dorme profundamente, não só no mundo físico como também nos mundos suprassensíveis, durante o sono do corpo físico e depois da morte.

Necessitamos da Morte do “Eu”; precisamos morrer de instante em instante aqui e agora, não somente no mundo físico, como também em todos os planos da Mente Cósmica.

Devemos ser desapiedados conosco mesmos e fazermos a dissecação do “Eu” com o tremendo bisturi da autocrítica.

TÉCNICA DA MEDITAÇÃO

A Técnica da Meditação nos permite chegar



até às alturas da iluminação.

Devemos distinguir entre uma mente que está quieta e outra que foi aquietada à força.

Devemos distinguir entre uma mente que está em silêncio e outra que foi silenciada violentamente.

Quando a mente foi aquietada à força, realmente não ficará quieta, estará amordaçada violentamente. Nos níveis mais profundos do entendimento, existirá uma tempestade.

Quando a mente foi silenciada violentamente, realmente não estará efetivamente em silêncio e, no fundo, clama, grita e se desespera.

É necessário acabar com as modificações do princípio pensante durante a meditação.

Quando o princípio pensante fica sob nosso controle, ocorre de forma espontânea a iluminação.

O controle mental nos permite destruir os “problemas” criados pelo pensamento. Para se conseguir a quietude e o silêncio da mente é necessário saber viver de instante a instante; é preciso saber aproveitar cada momento, não dosar nem restringir o momento.

É preciso tomar tudo de cada momento, porque cada momento é filho da Gnose. Cada momento é absoluto, vivo e significativo. A momentaneidade é uma característica especial dos gnósticos. Nós amamos a filosofia da momentaneidade.

O Mestre Ummom disse o seguinte a seus discípulos:

– Quando estiverem caminhando, caminhem; quando estiverem sentando-se, sentem-se, porém não vacilem.

Um prévio estudo da técnica da meditação constitui-se na antessala dessa paz divina que supera todo conhecimento.

A forma mais elevada de pensar é não-pensar. Quando se consegue a quietude e o silêncio da mente o “Eu” se ausenta com todas as suas paixões, desejos, apetências, temores, afetos etc.

Só na ausência do “Eu” a Essência da mente

(o *Buddhata*) pode despertar para unir-se ao Íntimo e conduzir-nos ao êxtase.

A afirmação dada pela Escola de Magia Negra – chamada *Subub* – de que a Mônada ou a Grande Realidade pode penetrar dentro daquele que não possui os Corpos Existenciais Superiores do Ser é falsa. O que penetra nos sinistros e fanáticos adeptos da Escola *Subub* são todas as entidades tenebrosas que neles se expressam através de gestos, ações, palavras bestiais e absurdas. Eles são “possuídos” pelos Tenebrosos.

A quietude e o silêncio da mente têm um só objetivo: libertar a Essência da mente para que ela, fusionada com a Mônada, ou Íntimo, possa experimentar isso que nós chamamos Verdade.

Durante o êxtase, na ausência do “Eu”, a Essência pode viver livremente no mundo da “névoa de fogo” experimentando a verdade.

Quando a mente se encontra em estado passivo e receptivo, absolutamente quieta e em silêncio, o *Buddhata* ou a Essência da mente se liberta e sobrevém o êxtase.

A Essência encontra-se sempre engarrafada no batalhar dos opostos. No entanto, quando esse batalhar termina e a quietude e o silêncio são absolutos, a Essência fica livre e a “garrafa” se despedaça.

Quando estamos praticando a meditação, nossa mente é assaltada por muitas recordações, desejos, paixões, preocupações etc.

Devemos evitar o conflito entre a atenção e a distração. Existe esse conflito entre a distração e a atenção quando combatemos os assaltos da mente. O “Eu” é o projetor desses “assaltantes da mente”. Onde há conflito não pode existir nem quietude nem silêncio.

Devemos anular o projetor, através da auto-observação e da compreensão. Examinai cada imagem, cada recordação, cada pensamento que chega à mente. Recordai que todo pensamento tem dois polos: o positivo e o negativo.

Entrar e sair são dois aspectos de uma

mesma coisa; o alto e o baixo, o agradável e o desagradável etc., se constituem nos dois polos de uma mesma coisa.

Examinai os dois polos de cada forma mental que chegar à mente. Recordai que só mediante o estudo das polaridades chegaremos à síntese.

Toda forma mental pode ser eliminada através da síntese. Exemplo: chega a nós uma recordação de uma namorada. É bela? Pensemos no fato de que a beleza é o oposto da feiura. Se durante a juventude for bela, em sua velhice será inevitavelmente feia. Síntese: não vale a pena pensar nela porque é uma ilusão... e como uma flor inevitavelmente murchará.

Na Índia, esse tipo de auto-observação e estudo da própria mente é chamado de *Pratyahara*.

Os “pássaros-pensamentos” devem passar pelo espaço de nossa própria mente em sucessivo desfile, porém sem deixar nenhum rastro.

Por fim, a infinita procissão de pensamentos projetados pelo “Eu” se esgota e então a mente fica quieta e em silêncio.

Um grande Mestre autorrealizado disse:

– Somente quando o projetor ou “Eu” estiver completamente ausente, sobrevirá o silêncio que não é produto da mente. Este silêncio é inesgotável, não é do tempo, é incomensurável. Então, só assim, advém aquilo que É.

Toda esta Técnica de Meditação se resume em dois princípios:

- a) Profunda reflexão
- b) Tremenda serenidade

Esta Técnica da Meditação com seu “não-pensamento” põe a trabalhar a parte mais central da mente, a que produz o êxtase.

Recordai que a parte central da mente é isso que se chama *Budhata*, Essência, Consciência.

Quando o *Budhata* despertar, ficamos iluminados. Necessitamos do despertar do *Budhata* (da Consciência).

O estudante gnóstico pode praticar a meditação tanto sentado no estilo ocidental ou como no estilo oriental.

É aconselhável praticar com os olhos fechados para evitar as distrações do mundo exterior.

Convém também relaxar o corpo, evitando cuidadosamente que algum músculo fique tenso.

Resulta magnífico saber combinar inteligentemente a meditação com o sono, a fim de que a matéria não o incomode.

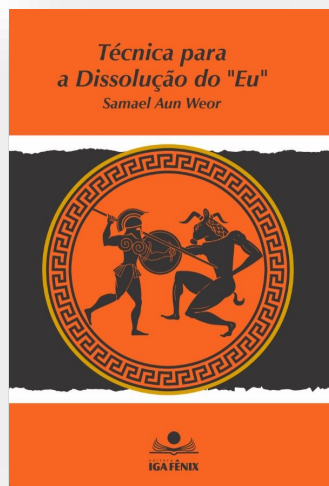
O *Budhata*, a Essência, é o material psíquico, o princípio *búdico* interior, o material *anímico* ou matéria-prima com a qual daremos forma à alma.

O *Budhata* é o melhor que temos em nosso interior e desperta com a meditação interior profunda.

O *Budhata* é, realmente, o único elemento que o pobre “animal-intelectual” possui para chegar a experimentar isto que chamamos Verdade.

Como o “animal-intelectual” está impossibilitado de encarnar o Ser devido ao fato de não possuir os Corpos Existenciais Superiores, a única coisa que pode fazer é praticar a meditação para o autodespertar do *Budhata* e poder conhecer a Verdade.

Jesus, o Divino Mestre, cujo Natal celebramos neste ano de mil novecentos e sessenta e quatro, disse: “Conhececi a Verdade e a Verdade vos libertará”.



BIBLIOGRAFIA:

“Técnica para Dissolução do ‘Eu’”. Samael Aun Weor. Capítulos IV, VI e VIII. IGA FÊNIX EDITORA. 2023.

SOMBRAS NA PAREDE

Por Gandhi Galli - IGA Porto Belo e Urubici/SC

Talvez já tenhamos nos perguntado alguma vez de que material são feitos os nossos sonhos. Nossos intermináveis e sucessivos sonhos da consciência adormecida, que nos deixam à deriva no grande oceano da existência. Sonhamos com coisas boas, com coisas ruins. Sonhamos com coisas sérias, com coisas banais, mas sonhamos sempre, seja dormindo em sono profundo ou acordados em estado de vigília: sonhamos continuamente, com dramas, comédias ou tragédias...

Alguém que pretende ir além desse Véu de *Maya* está destinado, obrigatoriamente, a tornar-se consciente de todos esses sonhos, a iluminar com o Sol do Cristo interior todas as trevas da sua profunda ignorância.



Queremos destacar, nestas poucas linhas, a interação entre nossos “Eus psicológicos” e as “representações da mente”, ambos com presença constante e dominante em nosso cenário psicológico interior.

Quando observamos e estudamos as manifestações do “Sujeito” em nossa máquina humana viva, em estado de recordação íntima, encontramos uma sucessão de manifestações dos “Eus” psicológicos que, como verdadeiros impostores, impedem a harmonia e o maravilhoso silêncio interior: impedem a verdadeira expressão do Ser!

Já ao olharmos para o “Objeto”, perceberemos que não o vemos como ele é. Por não estarmos conscientes, costumamos ver apenas uma “representação mental” do objeto, construída

e alimentada por nossa mente e tendo como “construtores” nossos próprios “Eus” psicológicos.

Por não termos desenvolvido a Mente Interior, vivemos nas limitações das Mentes Sensual e Intermediária, que simplesmente constroem e alimentam representações mentais inconscientes a respeito de tudo.

“A Mente Interior funciona, estritamente, com os dados da Consciência, com os dados dos centros superiores do Ser. Por isso tem acesso direto ao Real, à Verdade.” - V.M. Samael Aun Weor, *O Quinto Evangelho*.

Criamos representações mentais das coisas materiais, das pessoas, dos acontecimentos, dos negócios, das relações, do passado, do futuro, de nós mesmos etc. e, paradoxalmente, até mesmo do conhecimento transcendental, ao firmarmos nossas crenças.

Durante a noite, sonhamos com as representações mentais; durante o dia, vivemos enjaulados na própria mente e interagimos exatamente com as mesmas representações. Em nosso pobre estado de consciência, toda a nossa vida é uma assustadora e sucessiva interação inconsciente entre nossos “Eus psicológicos” e suas criações, as “representações da mente”.

Não interagimos com a realidade, com as pessoas ou conosco mesmos. Interagimos com as formas mentais ou “fotografias” que temos de tudo isso, projetadas na tela da nossa mente.



Interagimos com as sombras na parede da nossa própria tela mental!

Exatamente como nos mostrou Platão em sua fantástica metáfora da Caverna e de seus prisioneiros, que passaram toda uma vida acreditando serem as sombras na parede a única realidade.

Lamentavelmente, investimos toda a nossa energia psíquica em nossas criações mentais, e por isso elas são tão vivas, tão convincentes. Elas sustentam o sono da nossa consciência: nem por um minuto suspeitamos de nossas convicções, que costumamos tomar como absolutamente reais.

Recordem-se de algum “João” que conheçam. Recordaram? Pois bem, acabaram de evocar a representação mental que possuem desse “João”, que nada tem a ver com o verdadeiro João ou com a visão plenamente consciente que algum Mestre desperto teria dele.

Em um conflito conjugal, por exemplo, quando os cônjuges discutem intensamente, certamente cada um está reagindo não à pessoa real diante de si, mas à representação mental que construiu dela ao longo do tempo.

Nesse sentido, o conflito não ocorre apenas entre duas pessoas, mas sobretudo entre duas representações mentais totalmente preestabelecidas.

As representações da mente também influenciam profundamente nossos estados emocionais. Uma pessoa deprimida, por exemplo, tende a alimentar todo um conjunto de representações negativas: perdas, frustrações, desesperança, culpas, recordações dolorosas... Ao olhar para dentro de si mesma, encontra-se dominada por essas formas, que passam a influenciar profundamente sua percepção da vida.

Já uma pessoa ansiosa alimenta representações de ameaça: medo de doenças, medo de tragédias, medo de perdas, medo constante de que algo ruim aconteça. Vive sob pressão e estresse.

Essas construções mentais compõem um cenário psicológico que passa a influenciar a forma como a pessoa percebe o mundo e reage a ele.

A repetição mecânica e contínua dos mesmos hábitos, pensamentos e padrões de reação

emocional gera uma profunda sensação de cansaço existencial. Muitas pessoas dizem: “Estou cansado da vida”. No entanto, não estão cansadas da vida em si, mas da interação contínua com as mesmas representações mentais, repetidas indefinidamente.

As representações da mente não condicionam apenas nossa percepção e nossa interação com a realidade: elas também se tornam objetos de referência para nossa forma inconsciente de pensar. Pensamos a partir delas e, aprisionados em seu conteúdo, reafirmamos continuamente a mesma forma de pensar.

Imaginemos um negócio que nos parece muito rentável, com o qual nos envolvemos, nos motivamos, planejamos... Certamente há um “Eu” da ambição personificado nesse negócio. E certamente já existe uma representação mental mais ou menos complexa construída a respeito dele, que até agora é positiva, pois o negócio ainda está sendo visto como muito bom. Porém, ocorrem sucessivos obstáculos, impedimentos e decepções que vão nos desmotivando, até que, por fim, já não o queremos mais... O que aconteceu? Simplesmente a representação mental sobre ele, antes positiva, agora se tornou negativa.



Esse mesmo modelo de interação acontece entre nós e as outras pessoas, entre nós e qualquer coisa: são nossas representações que vão mudando conforme a atuação do “eu” — do amor ao ódio, da profunda dedicação ao mais frio e distante desprezo etc.

Vejam outro exemplo ainda mais dramático: uma pessoa passa a estudar o conhecimento gnóstico e empolga-se, dedica-se, aprende, participa e, junto com o conhecimento teórico, vai construindo muitas re-

apresentações positivas em relação à Gnose, às pessoas, à Instituição, talvez até idealizando-as como “perfeitas”. Sabemos que esse estudante ainda não despertou a consciência, que a Mente Sensual e a Mente Intermediária continuam soberanas.



Então, com o passar do tempo, essa mesma pessoa começa a perceber que muitas coisas não estão mais coincidindo com as representações idealizadas que construiu e, em vez de perceber isso em estado de auto-observação e recordação íntima, simplesmente entra em crise e começa a transformar em negativas todas as representações que tinha a respeito da Gnose. O resultado é que não só se afasta, como muitas vezes ainda passa a falar mal desse conhecimento sagrado e atemporal, simplesmente porque sequer compreendeu suas representações mentais.

Essa pessoa não se cansou do “conhecimento gnóstico”; ela está, sim, doentia, cansada, mas das inúmeras “representações da mente” que construiu a respeito desse conhecimento e que agora se tornaram negativas. Se ela realmente houvesse praticado a auto-observação e meditado, teria desfeito fantasias, adquirido maturidade, compreensão e certamente subido mais alguns degraus na Escada Maravilhosa do Nível de Ser, o grande propósito da existência...

Esse estudante somos todos nós.

As representações da mente são a própria fantasia que nos cega para a verdade das coisas. Ainda que possam assemelhar-se à

realidade, como as sombras, elas não contêm o fogo sagrado da consciência.

É muito mais difícil levar o conhecimento para quem já sabe do que para quem não sabe. Pois quem “já sabe” está cheio de representações mentais a respeito desse conhecimento e, portanto, totalmente prisioneiro delas.

E, quando alguma manifestação da realidade, uma ideia ou mesmo uma verdade expressa por outra pessoa não coincide com o conjunto de representações da mente que construímos e alimentamos, nós a rejeitamos imediatamente, tal como os fariseus rejeitaram o Cristo.

Portanto, por ação do Ego, nossas representações mentais estão intimamente relacionadas à nossa forma de pensar. A verdadeira mudança da forma de pensar — a Metanoia — também implica desconstruir representações da mente e desenvolver a Mente Interior!

Metanoia (do grego *metá* + *noûs*: mudança da mente ou da forma de pensar; expressão central no início da pregação de Jesus Cristo) — Evangelho segundo Mateus, 4:17

O despertar da consciência implica justamente superar essa percepção condicionada pelas representações da mente. À medida que aprendemos a permanecer no momento presente, em auto-observação e recordação íntima, tornamo-nos capazes de perceber a realidade de forma cada vez mais direta, sem a constante interferência das projeções do Ego, da memória e das reações emocionais. É nesse sentido que os grandes mestres despertos percebem as pessoas e os acontecimentos em sua essência profunda, para além das aparências e das representações mentais.

Outra questão instigante a respeito do mesmo tema encontra-se nas afirmações do V.M. Samael Aun Weor sobre o “sentido espacial”, relacionado à divisão da atenção — “Lugar” — da chave SOL:

“O sentido espacial inclui em si mesmo

visão, audição, olfato, paladar, tato etc. O sentido espacial é o funcionalismo normal da Consciência desperta. — V.M. Samael Aun Weor, *Tratado Esotérico de Astrologia Hermética*

“A auto-observação, a íntima recordação de si mesmo, inicia o desenvolvimento do sentido espacial, que chega à sua plena maturidade com o despertar da Consciência.” — V.M. Samael Aun Weor, *O Colar de Buda*

À medida que a recordação íntima se aprofunda, a percepção deixa de ser exclusivamente centrada no pensamento ou em projeções na tela mental. O indivíduo passa a perceber a si mesmo, o objeto e o ambiente como componentes simultâneos de um campo consciente.

divisão da atenção → recordação de si → desenvolvimento do sentido espacial → despertar da consciência

Percebamos que há uma clara expansão do nosso “espaço psicológico” mental quando estamos no terceiro estado de consciência, em recordação íntima de nós mesmos. E isso é real! Não poderia ser diferente, porque é exatamente nesses momentos que conseguimos nos libertar das correntes da caverna mental e deixar de olhar apenas para as limitadas sombras na parede!

Sombras fatais. Cansativas sombras, cansativa e conflituosa interação, que tanto nos causa sofrimento e envelhecimento pelo desperdício constante da energia criadora ao longo de toda uma vida...

Um único “Eu” pode construir e alimentar incontáveis representações da mente! Não podemos conceber que se possa atingir a compreensão e a morte de um “Eu” sem que ocorra, igualmente, a compreensão e a morte das principais representações que esse mesmo “Eu” criou.

Seria um absurdo acreditar que eliminamos determinado “Eu” do orgulho ferido enquanto continuamos magoados e vendo quem nos ofendeu da mesma forma que antes.

É justamente o ginásio psicológico oferecido pelo conflito entre nossos “Eus” e nossas representações mentais que nos fornece o material a ser descoberto e, depois, compreendido mediante a prática da retrospecção e da morte do “Eu”, para só então podermos suplicar à Divina Mãe Cósmica que os dissolva.

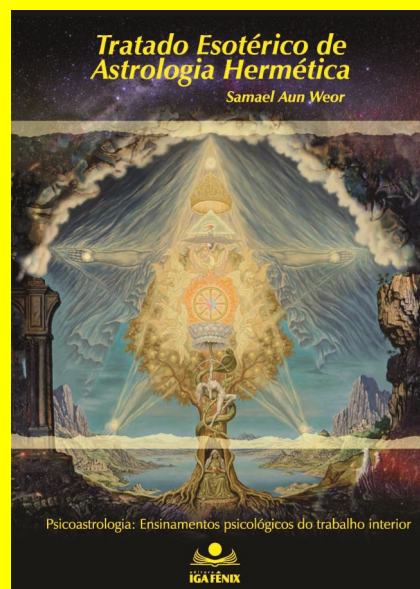
A “aniquilação budista” — o essencial primeiro fator, que consiste na dissolução dos “Eus psicológicos” e de suas “representações da mente” — é um trabalho contínuo e gradativo, que acompanha o iniciado por toda a sua existência e exige coragem, resiliência, desconstrução das ilusões e fantasias, compreensão da própria realidade, superação das provações e, finalmente, a correção de seus erros ancestrais!

“Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” — Ap 2:10

Que a Divina Mãe esteja sempre com todos nós, agora e na hora de nossa morte. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
BÍBLIA SAGRADA. *Evangelho segundo Mateus, 4:17; Apocalipse, 2:10.*
SAMAEL AUN WEOR: *O Verbo de Ouro.; A Vontade Cristo.; Tratado Esotérico de Astrologia Hermética.; O Colar de Buda.*

Solicite seu exemplar.



www.igabrasil.org.br

ASTROLOGIA ESOTÉRICA

A CABRA-MONTÊS E A MONTANHA INTERIOR

"Saturno é vida e morte."¹

Por Leandro Bellio (IGA CAMPINAS/SP)

Cassiel sentou-se para meditar e viu um mundo de imagens simbólicas se abrir: chegou ao vale dos Três Picos da Lavareda (nas Dolomitas Italianas). Um ônix pesava-lhe no bolso e uma pergunta, na cabeça: por que, conhecendo o caminho, repetia os mesmos erros? À sua frente, a montanha erguia-se. No cume, uma cabra-montês contemplava a aurora.

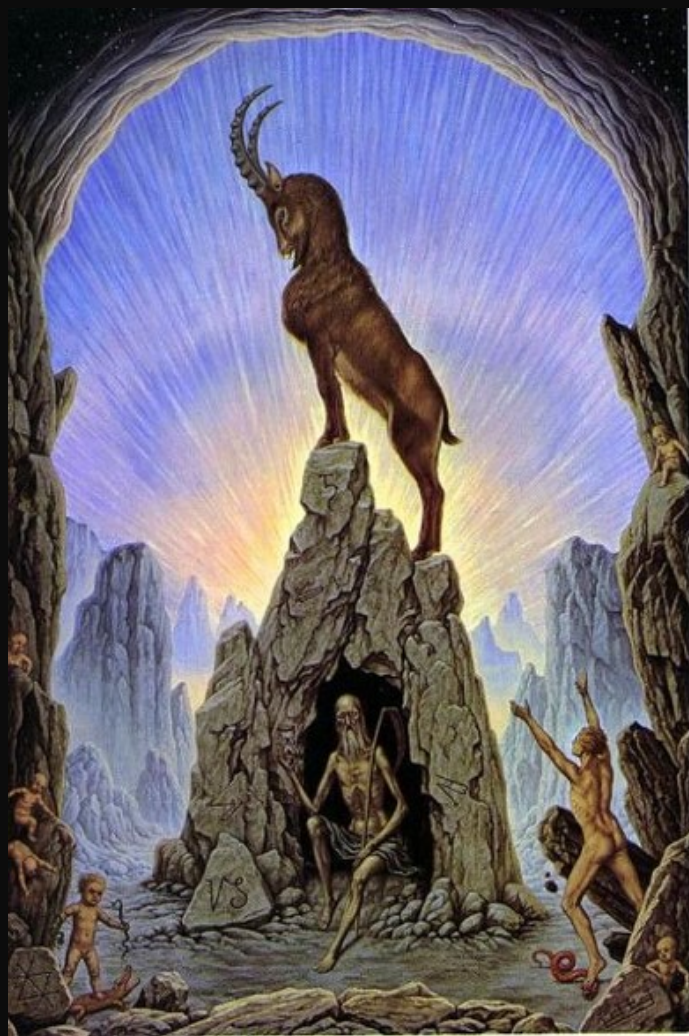
Cassiel começou a subir. Das fendas por entre as pedras vinham vozes: uma recordava ofensas; outra enumerava seus méritos; uma terceira julgava os companheiros que "não compreendiam o ensinamento". Tentou calá-las com mantras, mas elas mesmas aprenderam a repeti-los. Cobriu-as com pensamentos positivos, mas elas apenas mudaram de aparência. Então percebeu que o "Eu" também sabia falar de Deus.

Na rocha central encontrou uma caverna. Diante dela, um ancião segurava uma foice e uma ampulheta. "Vim vencer meus defeitos", disse Cassiel. "Quem veio?", perguntou o velho.



Muitas respostas disputaram sua língua: o discípulo, o justo, o incompreendido, o servidor. O velho virou a ampulheta, e levado por um vórtice enevoado encontrou-se em uma cena: naquela manhã, um irmão gnóstico corrigira

Cassiel diante do grupo. Por fora, ele sorria; por dentro, erguera um tribunal. Imaginou respostas brilhantes, condenou a intenção alheia e chamou o ressentimento de "defesa da doutrina". A cena parou.



- Eis tua montanha, - disse o ancião. - É o instante em que a impressão entrou em ti e encontrou quem a recebesse.

E, então, das sombras saiu uma pequena figura vestida como sacerdote. Trazia um espelho no lugar do cajado e, quando falava em sacrifício, se deliciava contemplando a própria imagem. "Este não sou eu", protestou Cassiel. "Não é um Eu, mas um dos muitos", respondeu Saturno. "Enquanto o justificas, ele usa tua voz."



A criatura sussurrou: “Sem mim, ninguém te respeitará. Eu protejo tua dignidade”. Cassiel quis xingá-la, porém a foice conteve seu hálito. “A violência contra si mesmo não é compreensão. Observa.” Cassiel sentou-se à entrada da caverna, sem condenar nem absolver, e observou. Uma luz envolveu o sacerdote e, difuso sob a veste e o corpo do sacerdote, encontrou um menino que temia não possuir valor se ninguém o admirasse. Viu que buscara a verdade para ser transformado, mas também a usara para ser reconhecido. Aquele “Eu” se alimentava do elogio e da crítica; precisava ocupar o centro, ainda que como vítima. Mas sua consciência compreendeu aquela máxima: “Não sou mais por ser elogiado, nem menos por ser criticado, porque sempre sou quem sou”.

A compreensão doeu, mas era uma dor limpa: não feria a Essência, dissolvia a mentira que a aprisionava. Cassiel recordou outras palavras de Samael: “Luz e Consciência são dois fenômenos de uma mesma coisa”.¹ Iluminar o monstro não era odiá-lo, mas vê-lo sem os adornos que lhe emprestara.

Seus joelhos tocaram a terra. Uma corrente densa e serena subiu-lhe pelas pernas, como chumbo transmutado em força ética. Curvar-se devolveu-lhe a verdadeira estatura. No íntimo de si, rogou: “Mãe minha, tu que conheces a raiz desta criatura, elimina de mim o que compreendi. Liberta a consciência que ela mantém cativa”.

A caverna ficou azul como o ventre da noite. Daquela escuridão maternal surgiu um brilho mais sutil que a foice. O falso sacerdote tentou recitar fórmulas, acusar o irmão e prometer virtudes. Nada o salvou. Um golpe silencioso o desfez em pó, e do pó levantou-se uma centelha, entrando no peito de Cassiel como uma criança solar que regressava à casa.

À esquerda, um menino apertava duas serpentes; à direita, um jovem luminoso pisava a serpente das trevas. Hércules e Apolo eram também forças recém-despertadas nele: vontade e luz. “Morreu meu orgulho?”, perguntou. Saturno deixou alguns grãos correrem entre os dedos. “Morreu uma forma. Amanhã poderá voltar como humildade exibida ou silêncio calculado. O trabalho é paciente. A cabra não alcança o cume num salto; encontra apoio onde os olhos apresados só veem abismo.”

Cassiel olhou para o alto. A cabra já não era emblema de ambição, mas de firmeza.

- Por que a caverna está no centro da subida?
- Porque ninguém nasce para a luz sem entrar conscientemente na própria noite.

A caverna é iniciação e renascimento; por isso a nova luz vence a inconsciência. O Mestre ensinou: “Capricórnio é a Porta do Céu, porque é a casa de Saturno”.²

- Então a morte é a porta?
- A morte do falso. Saturno devora as formas e concede forma ao que merece nascer. O tempo será uma prisão enquanto continuares repetindo mecanicamente; e poderás se tornar mestre quando cada acontecimento servir à recordação de ti mesmo, do Ser.

Cassiel saiu da meditação quando o Sol rompia o horizonte. Compreendeu que viver conscientemente era permitir que algo inútil morresse a cada dia. Desceu sem a fantasia de haver chegado. Na aula seguinte, o mesmo irmão voltou a corrigi-lo. O impulso ergueu a cabeça no calor

do rosto e na frase que preparava sua defesa. Cassiel não combateu: observou-o, compreendeu o quanto pôde e pediu novamente à Mãe a morte daquela sombra. Depois, agradeceu a correção.

Ninguém viu uma iniciação esotérica; nenhuma trombeta soou. Contudo, uma criatura perdera alimento e uma centelha ganhara espaço. Bem acima, invisível entre as nuvens, a cabra avançou mais um passo. Seu triunfo consistia em respeitar os outros e, principalmente, em deixar de obedecer cegamente a si mesmo. Cassiel compreendeu, enfim, que a verdadeira montanha não se erguia diante de seus olhos, mas dentro dele, e que somente alcançaria o cume aquele que tivesse a coragem de descer às próprias profundezas.■

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

1 - “Tratado Esotérico de Astrologia Hermética” - Samael Aun Weor; Capítulo X - Capricórnio. IGA Fênix Editora. 2023.

2 - “Curso Zodiacal” - Samael Aun Weor; Lição Capricórnio. Editora Gnose. 1983.



PRATICAI! PRATICAI! PRATICAI, a Vocalização do Mantra **GATE**

(...) em certa ocasião, ia um monge budista caminhando pelas terras do oriente durante um inverno espantoso, cheio de neve, gelo e animais selvagens. Claro que isso proporcionava sofrimentos ao pobre monge, ele naturalmente protestava, fazia objeções... Mas teve sorte o pobre: quando estava desmaiando, apareceu-lhe em meditação Amitaba (quer dizer, Amitaba, o Deus Interno de Gautama, o Buda, Sakyamuni) e este lhe entregou um mantra para que ele pudesse se manter firme e não fazer objeções, algo que o ajudasse a não ficar protestando a cada momento contra si mesmo, contra a neve, contra o gelo, contra o mundo. Esse mantra é utilíssimo. Vou vocalizá-lo bem para que o gravem em sua memória e para que fique gravado também nas fitas que vocês têm aqui, em seus gravadores:

GAAATEEEEE, GAAATEEEEE, GAAATEEEEE...

O melhor é que soletrem: G-A-T-E. Entendi que esse mantra permitiu àquele monge budista abrir o Olho de Dagma, e isso é interessante. Ele está relacionado com a Iluminação interior profunda e com o Vazio Iluminador.

Bibliografia: “Mente e Meditação”. Samael Aun Weor. 5ª Conferência. IGA FÊNIX EDITORA

Uma Visão de Pistis Sophia e o Ego-Obstinado

Por Antônio Luis D. Tavares (IGA São Vicente/SP)



Pistis Sophia originalmente habitava a região do Décimo Terceiro Aeon, onde contemplava a luz do Tesouro da Grande Luz — localizado no próprio seio do Pai Único — e entoava louvores àquelas alturas celestiais. Contudo, seu desejo de alcançar aquele reino gerou oposição em toda a ordem situada abaixo dos Doze Aeones. Ao contemplar essas regiões inferiores, pensou consigo mesma: "Irei àquela região sem meu consorte, tomarei a luz e criarei Aeones de luz, para que eu possa ascender à Luz das Luzes, que habita nas Alturas das Alturas". Assim, ao deixar de realizar o mistério do Décimo Terceiro Aeon — seu verdadeiro centro de gravidade — para cantar louvores à Luz das Alturas, Pistis Sophia abandonou seu próprio Reino. Ela foi então perseguida e alvo da ira do "Obstinado" (a própria causa do "ego" animal), do "Poder de Luz com Face de Leão" (a lei do carma que regula todas as coisas na balança do equilíbrio) e dos "Governantes de todas as regiões inferiores" (várias manifestações dessa mesma Lei do Carma). Eles se voltaram contra ela por contemplar a grandeza do Tesouro da Luz — que é a Pedra Filosofal alquímica — e por desejar ascender e se elevar acima deles. Isso representa o impulso de ser ou saber mais do que se é ou se sabe atualmente; conseqüentemente, surgiu um desequilíbrio que levou à sua queda no mundo das formas — um evento atestado pelos livros sagrados de todas as religiões, ao falarem de uma grande rebelião dos anjos. Retomar o caminho agora é sempre um ato de arrependimento — os doze arrependimentos de Pistis Sophia — que, por meio do poder do Cristo, a fará retornar conscientemente ao seio do qual ela caiu,

porém sempre em uma oitava superior. Estes são os Doze Trabalhos de Hércules, o herói solar, segundo a tradição greco-romana.

Sendo assim, o "erro" de Pistis Sophia pode se resumir deste modo:

"Sophia, Tu foste enganada; confundiste o poder do rosto de leão do "Ego" Obstinado com a verdadeira luz! A história que se segue em "Pistis Sophia" narra como o Obstinado persegue e atormenta Sophia, sem cessar até que ela tenha completado seus doze arrependimentos."

Porém o Pai que está em segredo precisa deste exílio, desta queda, desta diáspora da Alma, pois essa falsa luz não é tão falsa, Pistis Sophia a viu através de sua Visão do Poder-Luz.

Do que o nosso Deus Interior profundo precisa?

Precisa do *Glorian*...

"O *Glorian* nada mais é que um Raio de onde o Íntimo emanou. O *Glorian* é substância, porém não é Espírito nem Matéria. O *Glorian* é um hálito para si mesmo ignoto, um hálito do Absoluto, um dos tantos hálitos do Grande Alento, o Fio Átmico dos hindus, o Absoluto em nós, nosso Raio Individual, nosso Real Ser, todo feito glória. A alma aspira unir-se com o Íntimo, e o Íntimo aspira unir-se com o *Glorian*. A sede de nosso *Glorian* é a sela túrcica de nosso organismo. A sela túrcica é formada pelas vértebras cervicais de nossa coluna vertebral. Nosso *Glorian* tem aí seus átomos de prata..." - Samael Aun Weor (Capítulo XVII - Revolução de Bel)

Aquele que nos criou também precisa de nossa ajuda, e nós devemos fazer a Vontade do Pai Secreto.

Em realidade, precisamos da experiência do plano físico, para desenvol-

veremos a individualidade, para a reintegração dos arquétipos ou princípios divinos fragmentados no “Ego”.

Será um processo difícil e doloroso que todas as almas devem realizar. E nisso estriba resolver o enigma da Esfinge: “Decifra-me ou te devoro”.

Eis a resposta:

“A palavra silenciosa da Esfinge, que, todavia, ninguém ouviu, é: ‘Busca Deus dentro do animal’. Ao esquecer de Deus no animal, olvidamo-nos do próprio Deus. A alegria celeste da Terra brilha, sempre, no animal, enquanto no homem está morta.” - Jorge Adoum

Creio que já falamos sobre o versículo do Apóstolo Paulo de Tarso, que vem a ser esse:

“Nem todas as carnes são iguais: uma é a dos homens” (Malkuth-terra) “e outra a dos animais” (Hod-fogo); “a das aves” (Netzah-ar) “difere da dos peixes” (Yesod-água).

I Co 15:39

Aqui Paulo de Tarso está a falar sobre os quatro elementos e as Quatro Grandes Iniciações relacionadas com a nossa carne, a palavra hebraica para carne (- עור Aur), e deste composto de elementos sai nossa luz, אור Aur, a Luz Diáfana.

É necessário baixar até as águas da vida (carne-matéria - עור Aur) para libertarmos o Poder-Luz (אור Aur) que está contido aí. Este é o profundo significado de se levantar o Fogo de Shekinah, INRI, a *Kundalini*.

Paracelso afirma que a vida humana apresenta duas fontes de gnose ou conhecimento salvífico. Uma é chamada *Lumen Dei*, a luz que emana da divindade não manifestada. A outra é *Lumen Naturae*, a luz oculta na matéria, nas forças da Natureza. Enquanto a Luz Divina deve ser discer-

nida por meio da revelação, a Luz da Natureza precisa ser libertada por meio da alquimia até que evolua e se torne operante. Deus redime a humanidade por meio de seu Filho; mas a natureza deve ser redimida mediante a alquimia.

O Mestre Samael nos explica o seguinte: “O Obstinado e o poder com rosto de leão absorveram o reflexo de Sophia. Sophia viaja; ela pode estar no Décimo Terceiro *Aeon* ou no Caos, ou onde bem entender. Sophia, a Sabedoria, é, em essência, um resultado concreto, uma simbiose da mistura de luz e escuridão... Sophia é o resultado da descida do Logos ao Caos. ... No Caos sexual, no Mercúrio bruto, Sophia reside. Precisamos libertar Sophia da escuridão do Caos. ... Do Caos vem o Cosmos, e da Escuridão vem a Luz.”

Sendo assim, a queda, o exílio, a diáspora de Pistis Sophia, são necessárias para o desenvolvimento espiritual, Insuflação Pneumática na alma.

Aqueles que alcançam a Gnose são como sementes semeadas em solo fértil e, portanto, “dão frutos”. Quem recebe a Gnose destrói parte da deficiência (o “Ego”, a ignorância) e integra a Divindade. Então, o fim do mundo (a destruição psicológica) ocorrerá quando “tudo o que é espiritual tiver sido moldado pelo conhecimento” (Gnose). ■

Referência Bibliográfica: 1) Samael Aun Weor: Pistis Sophia Desvelada; Revolução de Bel; Curso Zodiacal; A Doutrina Secreta de Anahuac. 2) Rafael Vargas: Tradición y Revelación; 3) Fábio Guevara: La Gnosis del Mito

ARTE: “ALEGORIAS ALQUÍMICAS”

Por Ana Reis - IGA-Canoas/RS e Curitiba+CRE II/PR

“A rosa elabora seu perfume do lodo da terra. O perfume da rosa é lodo transmutado”. Samael Aun Weor

Viridarium Chymicum, também intitulada “As Doze Chaves da Filosofia”, é uma obra escrita pelo monge alemão Basílio Valentin, publicada pela primeira vez em 1599. O livro foi escrito em linguagem metafórica e com vocabulário específico, ilustrado com símbolos e cenas alegóricas típicas da alquimia medieval. Cada capítulo é uma chave alquimista.

O Mestre Samael afirma que Basílio Valentin foi um “grande gnóstico”. O retrato, impresso na parte inicial do livro (fig.1) está contornado pela inscrição: “Frater Basilivs Valentinvs Benedictini Ordinis Monachvs Et Philosophvs Hermeticvs”, quer dizer, “Irmão Basílio Valentin, Monge da Ordem de São Bento e Filósofo Hermético”.

Fig..1



Na oitava chave, Basílio Valentin refere-se aos processos da vida e da morte para a elaboração da Pedra Filosofal, da seguinte maneira:

“Nenhuma geração de homens ou de qualquer outro animal pode ser feita sem putrefação, e nenhuma semente lançada na terra, ou qualquer coisa vegetal, pode germinar sem primeiro apodrecer.

As boas mulheres do campo conhecem bem um exemplo disso, pois não conseguem criar uma galinha para o seu pequeno guisado sem que o ovo, onde o pintinho está inserido, apodreça.”

A respeito deste tema o Mestre Samael nos esclarece sobre a semelhança que existe entre os processos da natureza e a alquimia. Assim como do ovo sai o pinto, do Ovo Filosofal sai o Mestre. Ovo Filosofal é o germe de toda vida.

“Todo o material humano empregado neste trabalho morre, apodrece, se corrompe e escurece no ovo filosofal e logo se branqueia maravilhosamente.

Isto é, dentro de nós morre o que é negro e logo aparece o que é branco, o que nos faz mestres.”

Na imagem alegórica da oitava chave (fig. 2) podemos ver, em primeiro plano, o cadáver do iniciado em decomposição, aludindo à morte do “eu”, e os corvos são também símbolos da putrefação. À esquerda, o camponês faz a semeadura, depositando a semente na Terra Filosofal, de onde nasce o trigo. A ressurreição está demonstrada pelo homem que sai da tumba, sendo anunciada pelo Anjo Interior que toca a trombeta, ou seja, a música divinal, as partes mais elevadas do Ser vibrando no iniciado.

Ao centro, na parte superior do quadro, está o alvo, para onde apontam dois atiradores, um erra e outro acerta o centro. São “as duas interpretações alquímicas que podem acontecer, a correta e a errada (...) A alquimia de ouro e o satanismo erótico”.

Fig..2



Michel Maier (1568-1622) foi também um grande alquimista que difundiu os preceitos alquímicos utilizando a beleza das artes visuais e da música. A obra mais conhecida de Maier é “Atalanta Fugiens” - A Fuga de Atalanta, ou seja, Novos Emblemas Alquímicos dos Segredos da Natureza, publicada pela primeira vez em 1617. O livro compõe-se de 50 figuras alegóricas, acompanhadas de frases ou epígrafes com um texto em prosa, mais uma pequena composição musical em forma de cânone, numa estrutura peculiar, que reúne simultaneamente as linguagens visual, literária, musical, filosófica e alquímica.

“A Alquimia encontra-se intimamente relacionada com os mantras e com a música. Na obra de Michel Maier (1622), as sete notas planetárias ficam reduzidas às três vozes (os três ‘elementos-princípios’ da alquimia)”. O mesmo ocorria nas danças sagradas e nos antigos dramas cósmicos, que combinados com a música, tinham por objetivo transmitir conhecimentos transcendentais para a consciência. A composição musical de Maier estabelece uma correspondência entre as personagens do mito grego - “A Fuga de Atalanta” e o cânone, uma forma musical na qual uma voz “persegue” a outra. A melodia de Atalanta é a “voz que foge”,

“ALEGORIAS ALQUIMICAS”

a de Hipômenes é a que “persegue”, e a melodia que permanece é a voz que corresponde à maçã. (**Sugerimos assistir ao vídeo *Atalanta Fugiens*, em gnos.sis.vídeo, produção do IGA-Espanha*).**

Na simbologia alquimista medieval, Atalanta representa o mercúrio, o elemento volátil, que foge, Hipômenes, o enxofre, ou elemento fixo, e o sal, o espírito conciliador dos opostos.

Dentre as 50 gravuras ilustrativas do artista alemão Matthäus Merian (1593-1650), destacamos duas imagens que fazem referência à necessidade de lavar as “roupas manchadas”, de purificar “corpos sujos” e curar suas “doenças” por meio da água (Figuras ao lado). Meditar em todas estas alegorias é uma excelente prática para começar a compreender a Arte em seus diferentes níveis de linguagens.

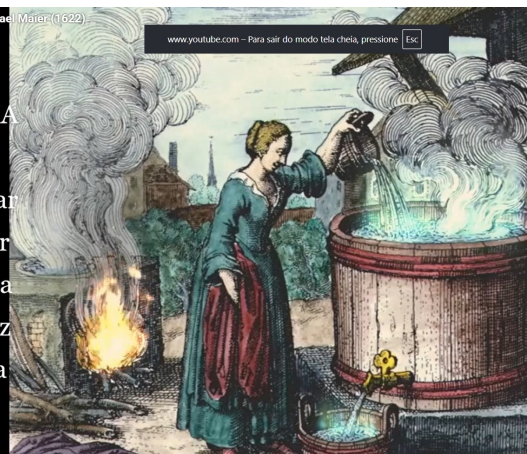
“À base de rigorosa compreensão e de transmutação sexual, transformamos o chumbo da personalidade no ouro do espírito. Então o ‘Eu’ é aniquilado.” Samael Aun Weor ■

Atalanta Fugiens, de Michael Maier (1622)

EMBLEMA

III

Ve a buscar
a la mujer
que lava la
ropa y haz
como ella



Atalanta Fugiens, de Michael Maier (1622)

EMBLEMA

XI

Blanquead
a Latona y
romped los
libros



EMBLEMA

XIII

Ei bronce de los
filósofos es
hidrópico, y precisa
ser lavado siete
veces en el
rio, como Naamán el
leproso en el Jordán



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AUN WEOR:

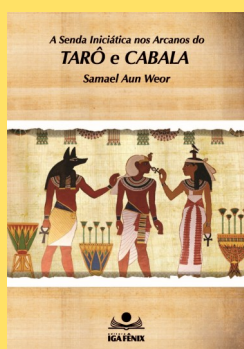
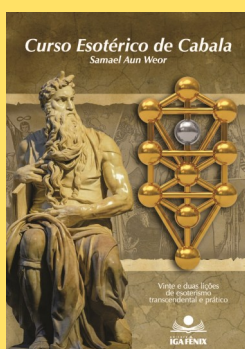
- A Revolução da Dialética. Rio de Janeiro : IGA Fênix, 2023.

- Curso Esotérico de Cabala. Rio de Janeiro : IGA Fênix, 2026.

- A Senda Iniciática nos Arcanos do Tarô e Cabala. Rio de Janeiro : IGA Fênix, 2023.

*GNOSIS.VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=lopno1c4QyA&list=PLg05eV4Sc0uFw1VFkh2VBHuezyqXanxVQ&index=3>



Adquira seu exemplar, acessando o site:
Editora – IGA Fênix



O QUINTO EVANGELHO

ONTEM E HOJE

Estudo do Evangelho Apócrifo de São Tomé à luz dos ensinamentos de Samael Aun Weor (Missionários e Estudantes 2ª Câmara do IGA Rio das Ostras/RJ)

Aforismo V

"Reconheça o que está diante de teus olhos, e o que está oculto a ti será desvelado. Pois não há nada oculto que não venha ser manifestado"

O presente aforismo sintetiza a ciência suprema do despertar da consciência, revelando que a suposta distância entre o profano e o sagrado é apenas o fruto da cegueira psicológica em que a humanidade se encontra submersa. O homem comum é incapaz de contemplar a realidade tal como ela é porque vive aprisionado nas malhas densas de leis mecânicas, conforme elucida Samael Aun Weor ao ponderar que “Nós vivemos normalmente neste mundo celular das 48 leis, e é muito interessante saber que a célula animal da qual provém por gestação o organismo humano tem 48 cromossomos”. Essa densidade biológica e infrassensorial ergue um muro intransponível ao redor da percepção, fazendo com que o indivíduo transite pelo mundo físico como um sonâmbulo que projeta suas próprias ilusões sobre a tapeçaria do Universo. Para que o véu da subconsciência seja rasgado e o oculto venha à tona, tornam-se indispensáveis a rigorosa autodescoberta e a desintegração implacável do “mim mesmo”, pois as impurezas psicológicas que habitam os recônditos da psique corrompem qualquer possibilidade de visão direta do Ser. O mestre gnóstico adverte sobre a ilusão de um progresso moral superficial ao constatar que “muitas vezes um defeito qualquer desaparece no nível superficial do intelecto, mas continua existindo nos diferentes terrenos subconscientes da mente”. Enquanto a estrutura interna estiver colo-

nizada por agregados psíquicos submersos, o observador continuará dividido e cego diante da verdade, confundindo os reflexos de sua própria corrupção interior com o esplendor da realidade divina que o circunda a cada instante. A realização prática deste aforismo exige, portanto, uma ruptura radical com as tendências involutivas da natureza mecânica, pois a inércia cósmica e social empurra o ser humano permanentemente para o sono e para a dispersão. Enfrentar esse fluxo exige um tremendo esforço consciente, lembrando que “o caminho que conduz ao desenvolvimento de todas as ocultas possibilidades do homem vai, de fato, contra a natureza, contra o cosmos, contra a vida social comum e corrente, contra si mesmo, contra tudo e contra todos”. Desvelar o que está oculto significa emancipar a essência (o Budhata) das garras do egoísmo e da satisfação animalesca, desatando os nós da ilusão por meio de uma revolução íntima que desafia os condicionamentos coletivos e a inércia do tempo cronológico. O coroamento desta transição perceptual manifesta-se no silêncio e na quietude absoluta da mente, o único estado capaz de refletir a Realidade sem distorções conceituais ou dualismos estéreis. Quando o aspirante dissolve os elementos subjetivos de suas percepções através da meditação profunda e da compreensão criadora, a agitação intelectual cessa e abre-se o portal para o indizível. Samael

Aun Weor descreve essa vivência limite ao afirmar que “a quietude e o silêncio absoluto da mente, depois de grandes práticas, provocam a ruptura da bolsa, a entrada no vazio iluminador. Então entramos em êxtase porque nossa consciência desperta”. É nesse instante de suprema lucidez interior que a separação entre o sujeito e o objeto se dissolve, cumprindo-se plenamente a promessa do apóstolo: o que antes perma-

necia oculto pelas sombras do “Ego” desvela-se, afinal, diante dos olhos recém-despertados da consciência. ■

Bibliografia:

AUN WEOR, Samael. Filosofia Gnóstica Revolucionária para a Nova Era. Editora IGA Fenix. 2023

ROHDEN, Huberto. O quinto Evangelho: a mensagem do Cristo segundo Tomé. 7. ed. São Paulo, SP: M. Claret, 1996.



O EREMITA



Vaidade das Vaidades Tudo é vaidade



MÍSTICA

Por Tereza Félix (IGA - Sobradinho/DF)

“Vanitas vanitatum et omnia vanitas” (Ec 1:2)

Vaidade das vaidades, tudo é vaidade.” Esta afirmação é atribuída ao Rei Salomão.

Aí o autor expõe, claramente, a fragilidade humana e a expressão trágica da nossa existência movida pelos agregados psicológicos que são a prisão em que se encontra a nossa essência. No entanto, o Mestre Samael vem trazer a imensa possibilidade de libertação por meio de um trabalho nos três fatores de Revolução da Consciência; e fica

evidente que a morte dos defeitos é Verdade, a alquimia é Verdade e o sacrifício pela humanidade é Verdade!

No livro “A Revolução da Dialética”, capítulo I, subtítulo V - A Ação Lacônica do Ser, há um parágrafo que diz o seguinte:

“O ‘Ego’ pode expressar-se, mas nunca terá autoexpressão. O ‘Ego’ expressa-se através da personalidade e as suas expressões são subjetivas. Diz o que outros disseram, narra o que outros narraram, explica o que outros explicaram, mas não tem a autoexpressão evidente do Ser.”

“Quando o Ser se expressa através de nós, o faz de uma forma perfeita e lacônica.”

“Ninguém é perfeito neste mundo, todos fomos cortados pela mesma tesoura. Cada um de nós é um mau caracol no seio da Grande Realidade.”

Este último parágrafo se encontra no subtítulo seguinte ao anterior "O Amor-próprio".

Na verdade, a gente chega à conclusão irrefutável que é este, realmente, o único caminho que revela os três fatores claros e irrefutáveis, e o livro “A Revolução da Dialética” é um livro de cabeceira que nos guia e revela a nossa fragilidade.

Há um livro, também muito interessante, que foi escrito por um filósofo do estado de São Paulo, nascido em 27/03/1705, Mathias Aires. O nome do livro é “Reflexões sobre a Vaidade dos Homens”. Neste livro ele fala bastante sobre este “Ego”. Então, vejamos um pouco:

“Que são os homens mais do que experiências de teatro? Tudo neles é representação que a vaidade guia: a fatal revolução do tempo e o seu curso rápido que coisa nenhuma para, nem suspende, tudo arrasta e tudo leva ao profundo de uma eternidade. Neste abismo donde tudo entra e nada sai, vão se precipitar todos os sucessos e com eles todos os impérios. Os nossos antepassados já vieram e já se foram; e nós, daqui a pouco, vamos ser antepassados dos que hão de vir.”

“O aplauso é o ídolo da vaidade, por isso as ações heroicas não se fazem em segredo, e por meio delas procuramos que os homens formem de nós o mesmo conceito que nós temos de nós mesmos.”

“Nunca mostramos o que somos, senão quando entendemos que ninguém nos vê, e isto porque não exercitamos as virtudes pela excelência delas, mas, pela honra do exercício.”

“Sendo o termo da vida limitado, não tem limite a nossa vaidade; porque dura mais do que nós mesmos e se introduz nos aparatos últimos da morte. Vivemos com vaidade e com vaidade morremos. De todas as paixões, a que mais se esconde é a vaidade, e se esconde de tal forma que a si mesma se oculta.”

Refletindo sobre tudo o que lemos, estudamos, lutamos para praticar, façamos uma pergunta sincera para nós mesmos: “até onde cumprimos os juramentos que fizemos ao longo da nossa existência?”. Podemos refletir...

A certeza do homem na realidade do “Ego” é uma espécie de doença não diagnosticada pela medicina, e esta é a razão da tragédia de estar neste mundo. Porém, há o poder da Consciência que ilumina todas as aparências passageiras, ilusórias, fragmentadas e distorcidas, que são bem evidenciadas no estado de sono, quando dormimos durante a noite. No pseudoestado de vigília em que desempenhamos os nossos papéis sociais, sempre esbarramos com sensações de frio, calor, amor, ódio, rancor, tristeza, luz, sombra, alegria, enfim ‘n’ defeitos e meras impressões. No entanto, no sono profundo, a gente se torna tão insensível que é como se não existisse.

Daí a importância fundamental da auto-observação constante que ensina o Mestre Samael.

Apenas o trabalho nos três fatores de Revolução da Consciência pode nos libertar deste torpor. Sem mais ilusões!■



Samael, responde!

1 – O que é o “Eu”?

SAW – O “Eu” é um feixe de paixões, desejos, temores, ódios, egoísmo, inveja, orgulho, gula, preguiça, ira, apetências, apegos, sentimentalismos doentios, herança, família, raça, nação etc.

O “Eu” é múltiplo; o “Eu” não é individual; o “Eu” existe de forma pluralizada, continua pluralizado e também retorna pluralizado.

Assim como a água se compõe de muitas gotas, e assim como a chama se compõe de muitas partículas ígneas, assim é o “Eu”, ele se compõe de muitos “Eus”.

Milhares de pequenos “Eus” constituem o “Eu” ou “Ego” que, por sua vez, continua depois da morte e retorna a este Vale de Lágrimas para satisfazer desejos e pagar carma.

Bibliografia: *Técnica para a Dissolução do “Eu”, Capítulo IV, IGA FÊNIX EDITORA - 2021 - 2ª Edição - Samael Aun Weor.*

2 – Como fazer para descobrir esses “Eus”, esses defeitos?

SAW – Quero que saibam que, na relação com as pessoas, na convivência com os nossos familiares ou com os companheiros de trabalho, os defeitos escondidos afloram espontaneamente e, se nos encontramos no estado de alerta-percepção, de alerta-novidade, nós os veremos, então, tal como são em si mesmos.

Defeito descoberto deve ser judiciosamente submetido a uma análise, a uma meditação a fundo, com o propósito de ser compreendido de forma íntegra, total.

Não basta compreendermos um defeito, temos de ir mais longe. É indispensável nos autoexplorarmos, encontrarmos as íntimas raízes do defeito que compreendemos, até chegarmos à sua significação profunda.

Qualquer centelha de Consciência pode iluminar-nos de imediato e captarmos, em milésimos de segundos, o profundo significado do defeito compreendido.

Bibliografia: *Sim, há inferno! Sim, há diabo! Sim, há carma! Capítulo XV; IGA FÊNIX EDITORA - 2021 - 1ª Edição Samael Aun Weor.*

3 – Como eliminar os defeitos?

SAW – A eliminação é diferente. Uma pessoa pode ter compreendido um erro psicológico, ter penetrado na sua significação profunda e, no entanto, continuar com ele nos diferentes departamentos da mente. Não é possível ficar livre deste ou daquele erro sem a eliminação.

Isso é vital, cardeal e definitivo quando se quer morrer de instante a instante, de momento a momento.

No entanto, não é com a mente que podemos extirpar erros. Com o entendimento, podemos rotular os nossos diversos defeitos psicológicos, dar-lhes diferentes nomes, passá-los de

um nível do inconsciente para outro, escondê-los de nós, julgá-los, desculpá-los etc., mas não nos é possível alterá-los fundamentalmente nem extirpá-los.

Precisamos de um poder superior à mente; precisamente de apelar para uma potência transcendental, se é que, de verdade, queremos eliminar erros e morrer em nós próprios, aqui e agora.

Felizmente, tal poder encontra-se latente em todas as criaturas humanas. Quero referir-me à *Kundalini*, à Serpente Ígnea dos nossos mágicos poderes.

Em plena cópula química, podemos suplicar à nossa Mãe Divina particular que elimine aquele erro psicológico que não só temos

compreendido, mas do qual, além disso, tenhamos captado a sua significação profunda.

Podeis estar certos de que a nossa Mãe Cósmica particular, empunhando a lança de Eros, ferirá de morte o agregado psíquico que personifica o erro que precisamos de eliminar.

É precisamente esta Haste Santa, emblema maravilhoso da energia criadora, a arma com a qual Devi Kundalini eliminará de nós, aqui e agora, o defeito que queremos aniquilar.

Bibliografia: *Sim, há inferno! Sim, há diabo! Sim, há carma! Capítulo XV, IGA FÊNIX EDITORA - 2021 - 1ª Edição Samael Aun Weor.*

Em 2027, não perca!

XXVIII CONGRESSO GNÓSTICO INTERNACIONAL

"Despertai para o Amor Consciente"

Dallas, TX. USA
De 27 de agosto a 2 de setembro de 2027
Instituto Americano de Antropologia Gnóstica

QR Code

Tel./WA: +1 201-206-2504
info@gnosticcongress2027.com
<https://gnosticcongress2027.com/>

GLOSSÁRIO

“A Revolução da Dialética” - livro de Samael Aun Weor. Editora IGA Fênix. 2025.

(Indicação das páginas)

Arte de raciocinar: a arte de raciocinar deve ser dirigida diretamente pelo Ser para que seja metódica e justa. Uma arte de raciocinar objetiva produzirá uma mudança pedagógica integral. A Revolução da Dialética quer ensinar como se deve pensar. (Pág. 10)

Bem e mal: na Revolução da Dialética (mudança total e profunda dentro da mente humana, focada em destruir o “Ego” e alcançar a paz interior), os termos bem e mal não são empregados, assim como os de evolução e involução, Deus ou religião. (Pág. 9)

Desegoistizar: conforme o “Eu” pluralizado vai morrendo de instante a instante, o material psíquico vai se acumulando dentro de nós e convertendo num centro permanente de consciência. Nos individualizando pouco a pouco. Desegoistizando-nos individualizamos-nos. O “Eu” é um livro de muitos volumes. (Pág. 13)

Iluminação: Àqueles que se queixam de não conseguir a iluminação aconselho paciência e serenidade. A iluminação vem a nós quando dissolvemos o “Eu” pluralizado, isto é, quando morremos de verdade nos 49 níveis do subconsciente. (...)Abandonai a autojustificação e a autoconside-

ração. Convertei-vos em inimigos de vós mesmos, se é que de verdade quereis morrer radicalmente. Somente assim conseguireis a iluminação. (Pág. 221)

Mente: A mente é quem nos faz cometer erros. Os erros da mente são esses “Eus” ou “Egos” dos 49 níveis subconscientes. Por meio do intelecto e da reflexão, não podemos chegar a ver um defeito na mente. A melhor didática para dissolução do “Ego” está na vida prática. No relacionamento com nossos semelhantes os defeitos afloram espontaneamente. Depois de se ter estudado o defeito psicológico através da meditação, se suplica durante a superdinâmica sexual a RAM-IO, A Mãe Kundalini, para que o desintegre com a força sexual. (Pág. 11/12)

Resistência: A resistência é a força opositora; a arma secreta do “Ego”. A força psíquica do “Ego”, oposta à conquista da Consciência. Atua como um mecanismo de defesa que trata de omitir erros psicológicos desagradáveis, para que não se tenha consciência deles e se continue na escravidão psicológica. Para vencê-la precisamos reconhecê-la, defini-la, compreendê-la, trabalhar sobre ela e vencê-la e desintegrá-la por meio da superdinâmica sexual. (Pág. 19)

A MORTE QUE MATA A MORTE

(Uma abordagem poético-filosófica)

Por Sandro Barbosa (IGA Barreiras III/BA)

Nos giros da roda da vida, vida e morte, morte e vida, são dois extremos que se tocam e revezam continuamente, regidos pela mecânica da Lei do Eterno Retorno: o viver sempre nos conduz à morte e o morrer nos leva a uma outra vida!

Mesmo presenciando essa mística sucessão a cada dia, não nos acostumamos com a parte terminal da jornada, pois sabemos que não há mudança mais profunda e impactante do que a morte, como não existe nada mais angustiante do que pensar que um dia deixaremos de existir ou que veremos partir, para sempre, uma pessoa a quem tanto amamos!

Considerando-se, porém, que tudo tem um princípio e um fim, que tudo passa, o que deveríamos temer não é a morte es-

perada, mas a existência desperdiçada, porque **nenhuma morte pode ser tão triste e assombrosa quanto uma vida desprovida dos valores da alma e vivida inconsequentemente, sem o acatamento da vontade de Deus!**

Viver sem um propósito digno e transcendental é uma forma trágica de se morrer em vida, de desperdiçar nesciamente o mais precioso dos bens: o capital existencial. Quando não se compreende por que e para que se vive, deixa-se de cumprir o dever primordial da vida e se paga o seu correspondente preço. Por essa razão, afirma o Mestre Samael Aun Weor: **“A maior tragédia de um homem é morrer sem ter compreendido o motivo da sua existência”.**



E qual seria este motivo fundamental, se não a preservação, a restauração e a recomposição da nossa própria alma? Sem a alma, que é a nossa essência divinal, pagamos o elevado preço de morrer espiritualmente, de perder a conexão com o Ser e com tudo de bom que Ele poderia nos conceder. **"Pois que vantagem será para o homem ganhar o mundo todo, se vier perder a sua alma?"**, alerta-nos o nosso Senhor Jesus Cristo.

(Mc 8:36)

Mas como se perde a Alma? Morrendo para Deus. E como se morre para Deus? Vivendo focado exclusivamente nas coisas materiais, nos prazeres do corpo e do "Ego" e nas trivialidades da vida comum e corrente, deixando de atender as necessidades espirituais e os propósitos do Ser.

O Mestre Jesus sentenciou categoricamente: **"Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por minha causa, esse a salvará"**.

(Lc 9:24)

Mas a que vida o Mestre se refere? A vida egocêntrica e materialista, fundamentada no ceticismo, na indiferença, na aversão e negação ao Divino. Isso nos permite entender que **quem quiser conservar a sua vida egoica, materialista e mundana vai se perder; mas quem sacrificá-la por amor ao Cristo, vai se salvar!**

Certamente, morrer fisicamente não é o problema, é a certeza que temos. A questão é saber o que mais em nós está morrendo! É saber se a alma ainda vive e pulsa em nossos corações ou se a apatia espiritual já não nos tornou um vivo-morto: vivo para o mundo e morto para Deus!

"Deixe que os mortos enterrem seus mortos", falou um dia o Mestre Jesus (Lc 9:59-60) sobre aqueles se encontram mortos para qualquer trabalho ou compromisso espiritual.

"Não estão mortos aqueles que em doce calma, da paz desfrutam na

tumba fria; mortos são aqueles que têm morta a alma e que vivem todavia", expressou o poeta Antônio Muñoz.

A **morte** é um tema tão crucial que, juntamente com o **nascer** e o **sacrifício pela humanidade**, compõe os três fatores da Revolução da Consciência. Não se trata da morte física, mas daquela que tem o poder de gerar a verdadeira vida: a **morte do "Eu"**, dessa unidade múltipla de imperfeições, constituída por todos os nossos pecados, defeitos, erros, fraquezas e vícios.

O "Eu" é a raiz da dor. Ele é a raiz da ignorância e do erro. Quando o Eu se dissolve, só fica dentro de nós o Cristo Interno. É necessário dissolver o "Eu". Somente dissolvendo-o, desaparece a ignorância e o erro. Quando o "Eu" desaparece, a única coisa que fica dentro de nós mesmos é isso que se chama Amor. Quando o "Eu" se dissolve, advém a nós a autêntica e legítima felicidade. Somente aniquilando o desejo de forma total, logramos a dissolução do "Eu". [...] O "Eu" é o horroroso Satã, o horrível Demônio que nos tem feito a vida tão amarga e asquerosa. (O Matrimônio Perfeito)

Por que a morte do "Eu" gera vida? Porque o "Eu" é a própria morte em nós. **Ele é um tenebroso cemitério em cujas frias covas encontram-se muitas partes de nossas almas sepultadas:** na cova do ódio, está o amor; na da luxúria, a castidade; na do orgulho, a humildade; na da ira, a serenidade... Como dentro dos nossos pecados jazem nossas virtudes sepultadas, sem a sua eliminação seria impossível acontecer a ressurreição das nossas almas!

Grande é a utilidade de conhecer e reconhecer a essencialidade da sua vida e

compreender que não há nada mais valioso do que a sua alma. **Os Céus e o Inferno sabem disso!** Por isso, a glória da Luz é despertar e resgatar os que estão no caminho da perdição; e a das trevas é obscurecer e escravizar aqueles que se encontram ou procuram estar na senda da retidão.



A maior aspiração da Luz é que todos sejam luzes; o maior desejo das trevas é que todos sejam trevas. Por este duplo e inverso querer, o bem se empenha para salvar, tornando o mal em bondade; e o mal se esforça para corromper, convertendo o bem em maldade.

A Luz não se preocupa com aqueles que já vivem iluminados; e as trevas não se importam com os que já estão apagados. **Sabem que já lhes pertencem!**

Cada um de nós, como essência divina, possui uma inestimável importância não somente para a Luz redentora, mas também para as trevas opressoras que nos querem possuir e nos tornar à sua imagem e semelhança. Por sermos tão preciosos, **a luz nos quer, e as trevas nos desejam!**

Nesse velado embate cósmico, sem se dar conta do que acontece dentro de si e nos bastidores do seu cotidiano, sem perceber as consequências dos seus atos, das suas escolhas e decisões, cada um vai definindo seu destino de se tornar filho de Deus ou servo dos demônios!

Se o Cristo afirmou que o seu Reino não é aqui, e se aqui estamos, não podemos nos iludir com a presunção de que somos bons, justos ou santos, ou que vamos encontrar, na vida equivocada que levamos, a paz, a felicidade, o amor e outros inefáveis estados que não cultivamos.

Nada nos é dado de graça! Tudo tem o seu preço, o seu custo, o seu ônus! Para conquistar o paraíso que sonhamos, com tudo de bom que dele imaginamos, é preciso vencer o inferno que dentro de nós levamos. **Ninguém pode elevar-se aos Céus, se não se transformar no próprio Céu, porque somente a luz pode retornar à Luz, somente a verdade pode integrar-se à Verdade, somente o que veio de Deus pode a Ele regressar!**

Cada virtude, por mais minúscula que possa parecer, é um pedacinho do Céu, é uma fagulha da essência de Deus. E somente através da sua paulatina assimilação, que acontece com a eliminação gradual dos nossos pecados, é possível transformar o nosso espaço interno no paraíso perdido e alcançar a nossa salvação! **Eis é o milagre da morte mística!**

Somente experimentando em vida a morte mística, podemos nos livrar do temor da morte física! Somente com a morte que mata a morte, que elimina nossos defeituosos “Eus”, podemos resgatar virtudes perdidas para religarmos a Deus! Somente assim, matando o que nos mata, podemos renascer para uma nova e edificante vida muito além da roda do samsara! ■

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

MUÑOZ FEIJÓO, Antonio. *Poesias*. Bogotá: Ediciones de la Revista Ximenez de Quesada, 1974.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada*: AUN WEOR, Samael: Tratado de Psicologia Revolucionária; O Matrimônio Perfeito - IGA Fênix Editora.

Sala de Aula Gnóstica

A Dissolução do “Ego” + Teoria da Morte do “Eu”

Aula 41 da 1ª Câmara + 19 da 1ª Câm. Preparatória

- por Ricardo Amâncio e Jussara Teodoro (IGA Lisboa)

Diversas escolas de tipo pseudo-ocultista dão ênfase à ideia absurda de um “eu” duplo: ao primeiro dão o nome de “Eu Superior” e ao segundo o de “Eu Inferior”. Nós afirmamos que “Eu” superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa. Fala-se muito sobre o “Alter Ego” e chega-se mesmo ao ponto de o louvar e de o endeusar, como se se tratasse de uma realidade divina. Em nome da verdade, torna-se indispensável dizer que “Eu” Superior e “Eu inferior” são dois aspectos do mesmo “ego” e que, portanto, louvar o primeiro e subestimar o segundo é, sem dúvida, uma incongruência. Devemos estabelecer uma diferença correta entre o “Eu/Ego” e o Ser. O “Ego” não tem desejo de morrer e quer continuar de alguma forma refinadamente sutil, senão nas formas mais densas e grosseiras. Infelizmente, as pessoas de hoje confundem o prazer com a felicidade e gozam bestialmente com a fornicção, o adultério, o álcool, as drogas, o dinheiro, o jogo etc. É normal que o “Ego” não pretenda morrer e procure filosofias consoladoras que lhe prometam um cantinho no céu, um posto nos altares das igrejas ou um além, cheio de felicidade infinita. Se o homem tivesse uma mente individual, se não possuísse os diversos agregados mentais que o caracterizam, teria continuidade de propósito, cumpriria sua palavra, não afirmaria hoje para negar amanhã etc.

O mais importante não são as boas intenções, mas sim as boas obras.



Nos tribunais da Justiça Objetiva, os Senhores do Carma julgam as almas pelas suas obras, pelos fatos concretos, claros e definitivos, mas não pelas boas intenções. De nada serve termos boas intenções se os fatos forem desastrosos. A eliminação do “Ego” revaloriza o Ser, tendo como resultado a felicidade. Infelizmente, a Consciência engarrafada no “Ego” não entende, não compreende a necessidade da revalorização íntima e prefere os gozos bestiais, porque julga que aí reside a felicidade. O “Eu/Ego” é o inimigo secreto que todos carregamos em nosso interior, personificado pelo Golias da Cabala Hebraica com os seus milhares de filisteus, pela Medusa infernal com todas as suas serpentes psicológicas que, com cabelos sinistros, fazem parte da sua horrenda cabeça e tem o seu centro de gravidade fatal na anatomia oculta da zona coccígea. O “Eu” psicológico tem, pois, profundas origens

causais e, como tal, processa-se, existe, se agita e se alimenta nos 49 departamentos da mente (subconsciente). Esta questão do mim mesmo, o que eu sou, isso do que se pensa, sente e atua é algo que devemos autoexplorar para nos conhecermos profundamente. Existem por toda parte belas teorias que atraem e fascinam, não obstante, de nada serviria tudo isso se não conhecêssemos a nós mesmos. Ser erudito não significa ser sábio. Os ignorantes ilustrados abundam como erva daninha e **não somente não sabem como também nem sequer sabem que não sabem**. A melhor didática para a dissolução do “Eu/Ego” encontra-se na vida prática intensamente vivida. A convivência é um espelho maravilhoso onde o “Ego” pode se contemplar de corpo inteiro. Na relação com os nossos semelhantes, os defeitos escondidos nos fundos inconscientes afloram de maneira espontânea, saltam aqui para fora, porque o inconsciente nos atraiçoa e, se estivermos em estado de alerta-percepção, nós os veremos tal como são. A maior alegria para o gnóstico é celebrar a descoberta de alguns dos seus defeitos. Defeito descoberto é defeito morto. Quando descobrimos algum defeito, devemos vê-lo em cena como quem está vendo um filme no cinema, mas sem julgar nem condenar. Não é suficiente compreendermos intelectualmente o defeito descoberto. Torna-se necessário submergir em profunda meditação interior para capturarmos o defeito em outros níveis da mente.



Quando um defeito é integralmente compreendido em todos os níveis da mente, ele se desintegra, junto com o “Ego” que o caracteriza, que é reduzido à poeira cósmica. É desta forma que vamos morrendo a cada instante, é assim que vamos estabelecendo, dentro de nós, um centro permanente de Consciência, um centro permanente de gravidade. Precisamos da morte do “Ego”, precisamos morrer de instante em instante, aqui e agora, não só no mundo físico, mas também em todos os planos da Mente Cósmica.

Passos para eliminação dos defeitos psicológicos:

- 1) descobrir o defeito;
- 2) compreendê-lo;
- 3) encontrar suas íntimas raízes até chegar à sua significação profunda;
- 4) eliminá-lo. O trabalho de eliminação é realizado pela nossa Divina Mãe Kundalini, que usa a Haste Santa, a Lança de Eros (emblema maravilhoso da energia criadora). A eliminação dos agregados psíquicos se realiza, naturalmente, de forma progressiva, pois muitos deles se processam nos quarenta e nove níveis do inconsciente/subconsciente. “O Nirvana, a felicidade, está no útero!”.■

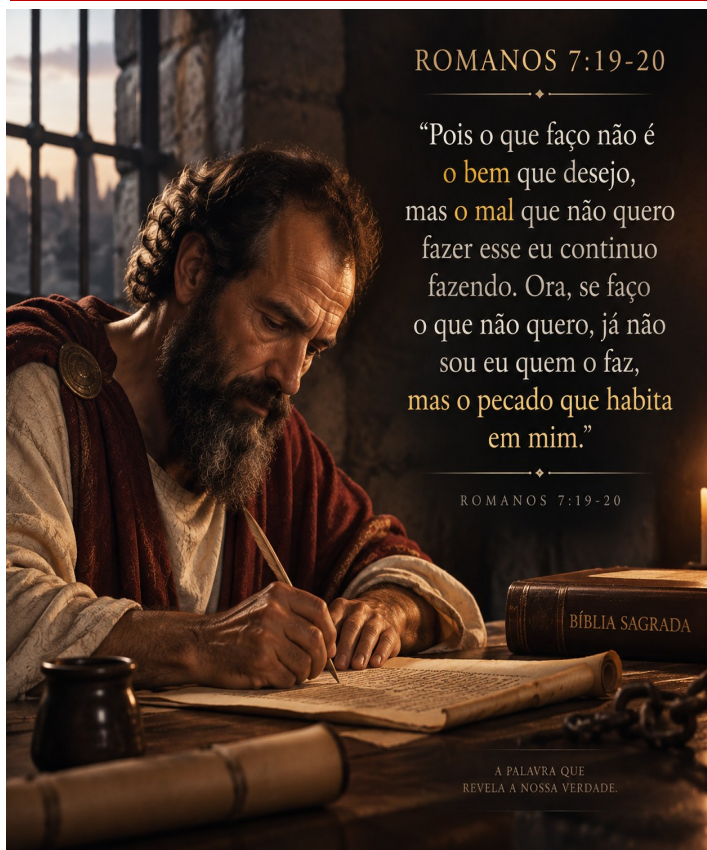
Bibliografia:

“Sim há Inferno, Sim há Diabo, Sim há Carma, capítulo XV;
“ O Verbo de Ouro”, capítulo I.

VISÃO GNÓSTICA

O DILEMA DE PAULO E A PSICOLOGIA REVOLUCIONÁRIA DE SAMAEL AUN WEOR

José Gilson Bezerra Leite (IGA Bezerras e Gravatá/PE)



A passagem de **Romanos 7:19-21** trata de um dos dilemas psicológicos e espirituais mais profundos da experiência humana: a divisão interna entre a intenção consciente de fazer o bem e a força incontrolável que compele o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem a agir contra sua própria consciência em função da força do “Eu” psicológico.

Em analogia a esse texto bíblico com a obra **"Tratado de Psicologia Revolucionária"**, escrita pelo Mestre **Samael Aun Weor**, percebe-se uma convergência direta em relação à estrutura da psique humana, embora expressa em linguagens diferentes e em Linhas do Tempo diferentes.

O "Eu Pluralizado" e o Conflito Interior: Na *Psicologia Revolucionária*, Samael Aun Weor explica que o ser humano comum não possui um "SER" único e permanente. Em vez disso, a psique é

povoada por uma **multiplicidade de agregados psíquicos**.

A CONEXIDADE DOS ENSINAMENTOS

Quando Paulo afirma que "já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim", a interpretação gnóstica do Mestre Samael indica que a "vontade essencial" (a Consciência) é suplantada por um dos milhares de "Eus" (inveja, ira, cobiça, orgulho, luxúria, gula e preguiça) que assumem cotidianamente o controle dos cinco cilindros da máquina humana.

A pessoa deseja sinceramente agir com virtude, mas um "Eu" toma o comando dos pensamentos e impulsos.

A "LEI DA CARNE É FRACA" X "MORFOGÊNESE DO EGO"

Em Romanos 7:18 e 21: “Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne... Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto de mim”.

Samael Aun Weor aborda a mecânica sob o conceito da **Ação do querido “Ego”** e da ilusão da "boa vontade" meramente intelectual.

Conexão: Para Samael Aun Weor, a "carne" ou a natureza inferior representa o “Ego” condicionado por leis mecânicas da Natureza e pelo adormecimento da consciência. Ele defende que as boas intenções da mente não são suficientes para vencer o mal interno, pois a própria mente é frequentemente veículo do “Ego”. A "lei" que Paulo encontra atuando nele mesmo é chamada na Psicologia Revolucionária o Querido “Ego” - A Doutrina dos Muitos que foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros clarividentes, pelos autênticos iluminados.

No livro “A Revolução da Dialética”, no capítulo O Centro Permanente de Consciência, o Mestre Samael Aun Weor nos exorta: “O homem atual é semelhante a um barco cheio de passageiros, onde cada passageiro tem seus próprios planos e projetos. O homem atual não tem uma única mente, tem muitas mentes. Cada ‘Eu’ tem sua própria mente”.

O DIAGNÓSTICO E A SOLUÇÃO: AUTO-OBSERVAÇÃO ÍNTIMA

Tanto a análise paulina quanto a obra de Samael Aun Weor compartilham o mesmo diagnóstico sobre a incapacidade do homem comum em libertar-se por mero esforço moralista ou intelectual.

Em Romanos: Paulo encerra o dilema do capítulo 7 perguntando no verso 24: *"Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?"*, apontando para a necessidade de uma intervenção superior (a Graça / o Cristo).

Na Psicologia Revolucionária: o Mestre Samael Aun Weor propõe uma metodologia prática e uma didática concreta

para responder a essa pergunta: a **Auto-Observação Íntima**. Para que o indivíduo pare de fazer "o mal que não quer", ele precisa dividir a atenção entre sujeito e objeto, percebendo em tempo real qual "Eu" está atuando em sua mente. Em seguida, através da **Morte Mística** (dissolução do “Ego”), a energia psíquica engaiolada nos defeitos é liberada.

Ambos os textos coincidem em desmistificar a ideia de que o ser humano possui pleno domínio de suas atitudes. Enquanto Paulo expressa a agonia psicológica de descobrir essa divisão interior, Samael Aun Weor utiliza essa mesma constatação para propor um mapa de trabalho sobre si mesmo, fundamentado nos três fatores de Revolução da Consciência. ■

Referência Bibliográfica:

“Tratado de Psicologia Revolucionária”. Samael Aun Weor. Editora IGA FÊNIX. 2024.

“A Revolução da Dialética”. Samael Aun Weor. Editora IGA FÊNIX. 2025.

Bíblia Sagrada - Livro de Romanos.



Na *Psicologia Revolucionária*, Samael Aun Weor explica que o ser humano comum não possui um "SER" único e permanente. Em vez disso, a psique é povoada por uma **multiplicidade de agregados psíquicos**.

Para Samael Aun Weor, a "carne" ou a natureza inferior representa o “Ego” condicionado por leis mecânicas da natureza e pelo adormecimento da consciência. Ele defende que as boas intenções da mente não são suficientes para vencer o mal interno, pois a própria mente é frequentemente veículo do “Ego”.

Respostas de Samael às Perguntas de nossos “Eus”

Por Samael Aun Weor

O título desta coluna não se encontra em nenhum livro do Mestre Samael Aun Weor. Lendo as perguntas feitas ao Mestre por um público heterogêneo, notamos a astúcia e provocação das perguntas típicas das formulações feitas para nós mesmos pelos nossos Agregados Psíquicos: o Ceticismo; o Complexo de Superioridade e de Inferioridade; a Soberba; o Orgulho Místico. Todos eles que se sentem “Donos da Verdade” e se colocam sem qualquer humildade diante do Ensino Superior.

Seguem algumas perguntas e respostas, das mais de cinquenta que foram publicadas ao final do livro “A Revolução de Bel”. A numeração não é sequencial, mas segue como está no livro.

2ª) *Mestre, ao falarmos de deuses, os leitores me perguntam se nós somos politeístas. O que nos diz acerca desta pergunta?*

MESTRE: Dizei à humanidade que os deuses são homens perfeitos e que cada ser humano é um deus acorrentado. Um Prometeu acorrentado à dura rocha da matéria.

3ª) *Mestre, o conceito que têm todas as religiões por nós conhecidas, é de que existe um só Deus eterno e imperecedouro. O que nos diz acerca disto?*

MESTRE: As pessoas têm razão porque o Sistema Solar no qual vivemos, nos move-mos e temos nosso Ser, é tão só a escama da serpente ígnea de um grande Ser ao qual rendemos a mesma adoração que rendem os átomos de nossos próprios corpos individuais ao Real Ser do homem, isto é, ao Íntimo.

4ª) *Mestre, por que a maioria das pessoas, ao falar com alguém, se interessa tanto em saber se crê ou não em tal ou qual coisa?*

MESTRE: As pessoas perguntam assim por temor de perder suas próprias crenças, dentro das quais acham-se enjauladas as mentes de tantos e tantos místicos enfermos, cheios de pietismos e hipocrisia anti-quíssima.

Hoje não se trata de crer ou não em tal ou qual coisa, o que se deve é compreender e discernir com o bisturi da crítica, para desnudar as coisas de seus valores e ver o que é que tem de real. As crenças são formas mortas, crostas duras às quais se apegam os beatos e os débeis.

5ª) *Mestre, porque ouvimos muitas pessoas falarem da seguinte forma: “Homem! À minha religião pertenceram meu pai, minha mãe e todos os meus antepassados. Assim, para que pensar em outros sistemas para buscar a Deus?”*

MESTRE: Não se preocupe com isso, meu amigo, porque isso me indica às claras que você vive preocupado com o que dirão. Essas pobres pessoas das quais me fala devem merecer compaixão, pois não são culpadas de sua preguiça mental. O que sucede é que essas pobres pessoas vivem uma vida puramente instintiva e só lhes interessa comer, dormir e divertir-se. Ainda não pensam, mas aferram-se às tradições de seus familiares, precisamente para evitar o trabalho de pensar. Elas vivem tranquilas, contentes com suas vidas puramente instintiva e animal.

6ª) *Mestre, porque o senhor se apresenta tão humilde, até para a minha pessoa, pois me chama a atenção, já que estou acostumado a uma vida social distinta?*

MESTRE: Equivoca-se meu amigo em sua pergunta, porque eu jamais me apresen-

to humildemente ante ninguém, nem tampouco me apresento com orgulho, vaidade nem ostentação. O que sucede é que eu vivo uma vida simplesmente natural, sem artifícios de nenhuma espécie, pois estou sumamente ocupado no trabalho de minhas próprias realizações internas e, portanto, não me sobra tempo para preocupar-me pelo que dirão.

8ª) *Mestre, não lhe constrange abordar o tema sexual tão abertamente, não se envergonha de que o taxem de pornográfico?*

MESTRE: O que deveria causar-lhe vergonha é o fato de fazer-me essa pergunta. Revela-me claramente através dela que você deve ser um fornicário, pois para o puro tudo é puro e para o impuro tudo é impuro. Se me desse vergonha tratar sobre os problemas sexuais, isso denotaria abertamente que eu também estaria sujo internamente, mas como estou limpo, falo com a naturalidade com que pode falar uma criança sobre o que é natural.

9ª) *Mestre, muitas pessoas desejariam vê-lo no cárcere, devido o que o senhor ensina.*

MESTRE: Pobres pessoas, meu amigo, não sabem o que têm em suas mãos. Minhas obras sobre o Matrimônio Perfeito e a Revolução de Bel são para formar uma raça de deuses. Nelas entrego à humanidade o que ninguém jamais havia entregue: as próprias chaves do Éden. Porém, veja você, meu amigo, que todos os redentores morreram crucificados. A ingratidão é a moeda com que paga o demônio.

Todos os irmãos ancestrais da humanidade receberam as piores infâmias como pagamento a seus sacrifícios. Cristo morreu crucificado; Sócrates, envenenado com cicuta; Apolônio de Tiana, encarcerado; Joana D'Arc, queimada na fogueira; Simão Bolívar, libertador de cinco repúblicas de nosso continente, passou os últimos dias de sua vida quase na indigência, triste e decepcionado, pois não nenhum dos colombia-

nos pelos quais se sacrificou o abrigou em sua casa, mas sim um dos inimigos contra os quais ele combateu. Gandhi, o grande *mahatma*, libertador da imponente e majestosa Índia, morreu assassinado à bala por um de seus próprios compatriotas, por um de seus próprios libertados.

Assim, meu amigo, para mim seria uma honra ir ao cárcere e até ao cadafalso se fosse necessário, para salvar o mundo da dor e da amargura. Saiba você que estou disposto a sacrificar-me pela humanidade até dar a última gota de sangue, com o propósito de iniciar a nova Era de Aquário.

10ª) *Mestre, agrada-lhe o comunismo?*

MESTRE: Meu amigo, entendo que sua pergunta é capciosa. Com ela você tenta: ou confirmar suas opiniões políticas, se você é comunista, ou buscar uma arma política para combater-me se você não é comunista. Saiba que a felicidade verdadeira não se encontra dentro de nenhum sistema político. O comunismo, como ensaio da mente embrionária da atual humanidade, cumprirá unicamente sua missão embrionária; porém, quando a mente humana deixar de ser embrionária e amadurecer, então o comunismo fracassará totalmente, como têm fracassado todos os sistemas políticos da humanidade. Logo verá que a Rússia, após ganhar a batalha, dividir-se-á a si mesma por uma revolução política interna. Assim, os cimentos do edifício comunista quebrar-se-ão e o edifício irá ao solo.

14ª) *Mestre, por que as pessoas se esmeram mais pela vida urbana, a vida da cidade, do que pela vida que você ensina?*

MESTRE: Essas pobres pessoas têm razão, porque a vida urbana lhes oferece comodidades, dinheiro, prazeres, vícios, jogos, amizades, vida social, ouvir falar mal dos demais e enfim, tudo o que é agradável para eles. Em troca, em meus ensinamentos

não lhes ofereço nada disto. Por isso seguem pelo que é mais fácil e mais cômodo, o caminho negro, porque é amplo, cheio de vícios e prazeres. Precisamente a própria pergunta que você me faz explica-nos claramente porque a evolução humana fracassou e a humanidade caiu no abismo da dor e da amargura.

15ª) *Mestre, por que o senhor cura e conhece tanto de medicina?*

MESTRE: Porque conheço a Anatomia, a Biologia, a Fisiologia, a Química Oculta e a Patologia de todos os sete corpos do homem, enquanto a ciência oficial conhece unicamente o corpo mais grosseiro do homem. Ademais, ninguém pode ser médico se antes não for ungido por Deus. Saiba você que estou de acordo com o Mestre Paracelso, quando este afirmava: “Nem as universidades, nem os papas, nem os reis poderão dar ao homem o poder de curar, se antes não tiver sido ungido por Deus”. Precisamente está em circulação meu livro que porá a ciência médica sobre uma nova base. Esta obra intitula-se: “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática”.

16ª) *Mestre, se é verdade que você sabe tanto, por que não vive em Paris, Londres, ou Nova Iorque, e não entre nós que apenas mal entendemos o que você diz?*

MESTRE: Parece que ao amigo agradam-lhe muito as poses de comediante, o exibicionismo, o espetacular. Porém, nenhum dos membros da Loja Branca buscamos jamais esses exibicionismos; antes, pelo contrário, agrada-nos a modéstia e até viver anônimos e desconhecidos, contudo, sacrificando-nos pela humanidade.

17ª) *Mestre, as pessoas não creem em seus ensinamentos!*

MESTRE: A mim não interessa que creiam em meus ensinamentos, mas que os compreendam e se não os compreendem nem querem compreendê-los, isso se deve ao fato de que as pessoas não têm tempo para estudá-los. Todo mundo está ocupadíssimo no trabalho de explorar seus

semelhantes e na satisfação de seus prazeres bestiais mais degradantes. Devemos sentir compaixão por essas pessoas meu amigo, pois todas elas cairão no Avitchi de que nos fala a Mestra H. P. Blavatsky, em seu sexto volume de “A Doutrina Secreta”.

30ª) [Um comerciante] Mestre, eu antes de tudo sou um homem prático e sobretudo necessito de dinheiro, porque estou convicto de que sem o dinheiro não se pode viver. Eu aceitaria seus ensinamentos se eles me servissem para conseguir dinheiro e mais dinheiro.

MESTRE: Não entendo como o cavalheiro se atreve a chamar a si mesmo homem prático pelo fato de amar tanto o dinheiro. Pode acaso chamar-se de “prático” ao criar tantos problemas para si?

Mestre, é que com dinheiro não há problemas.

Se o dinheiro não cria problemas, por que então o mundo tem tantos problemas havendo tanto dinheiro? Pode chamar-se homem prático quem passa uma vida inteira acumulando dinheiro para no fim de tudo não poder levá-lo à tumba, senão deixar seu tesouro para trazer o conflito entre seus herdeiros? Não sabe que o dinheiro que se acumula com tanto empenho e privações morre com o seu dono, já que passa ao poder de outras mãos e geralmente são de olhos que estavam encarando com cobiça e logo gastam-no com desprezo? Pode isso ser prático?



BIBLIOGRAFIA:

“A Revolução de Bel”. Samael Aun Weor. Capítulo CONCLUSÃO. Editora IGA FÊNIX. Rio de Janeiro. 2021.



Calendário de Atividades do IGA Outubro a Dezembro de 2026

MÊS DIA	DATA ESPECIAL	EVENTO / LOCAL
OUTUBRO - 01 a 31/10/2026		
09-12	Retiro Nª Sª Aparecida	I CRE - Cabo de Stº Agostinho/PE (2ª Câmara)
27	Advento de Samael	Prática da Runa LAF (V.M. Samael)
27 a 30	VII Convenção Sul-americana	Cali - Colômbia
NOVEMBRO - 01 a 30/11/2026		
01 e 02	Todos os Santos e Finados	Intensificar a Oração
20 a 22	Retiro de Novembro	II CRE - Araucária/PR (2ª Câmara)
27	Advento de Samael	Prática da Runa LAF (V.M. Samael)
DEZEMBRO - 01 a 31/12/2026		
11-13	Retiro Final de Ano	CRE I + II (1ª e 2ª Câmaras)
25	Natal	Nascimento do Menino Jesus
27	Advento de Samael	Prática da Runa LAF (V.M. Samael)
31	Fim de Ano	Prática de Retrospecção

RETIROS ESPIRITUAIS - 4º Trimestre/2026



Próximos

09-12/10/26

2ª Câmara

11-13/12/26

1ª/2ª Câm.

VI Encontro de Missionários

Durante o
Carnaval de
2027

CRE II

Próximos

20-22/11/26

2ª Câmara

11-13/12/26

1ª/2ª Câm.

CRE II
Retiro 31/07 a 2/08/26



CONVENCIÓN
GNOSTICA
SURAMERICANA



302 680 0437
321 536 0392



@IGASYL140

27 - 30 DE OCTUBRE DEL 2026 CALI - COLOMBIA

Info: iga_gnosis_porto@sapo.pt



INSTITUTO GNÓSTICO DE ANTROPOLOGIA



A PURIFICAÇÃO

VII CONVENÇÃO GNÓSTICA DE PORTUGAL
27 A 29 DE NOVEMBRO DE 2026